

SAMAEL AUN WEOR

A

GRANDE

REBELIÃO

THOT

Sou *Thot*, amo dos Chifres da Luz, minha letra é perfeita e minhas mãos são puras. Detesto o mal e aborreço a iniquidade. Fixo por escrito a Justiça Divina. Em verdade, sou o pincel com o qual escreve o Deus do Universo. Sou o Amo da Retidão e da Lealdade, o Senhor da Verdade e da Justiça. Destruo a mentira e testemunho a Verdade ante os deuses. Minhas palavras são poderosas nos dois mundos. Humilho o injusto vitorioso e levanto o débil escarnecido. Disperso as trevas e rechaço as tempestades... Em verdade sou *Thot*, o poderoso, o bem-amado de Rá! Tudo quanto Rá empreende é, graças a mim, coroado de êxito. Como *Thot*, sou o Grande Mago. Sentado como ele na “barca-dos-milhões-de-anos”, sou o Senhor da Lei Escrita e o Purificador das Duas Terras. Meu esplendor mágico protege a Nut que lhe deu vida. Abato os inimigos e destruo os obstáculos. Cumpro as vontades de Rá em seu santuário. Sou *Thot* que triunfo sobre os inimigos de Osíris e que, em vista das catástrofes que os esperam, disponho os mundos de manhã. Em minha qualidade de *Thot*, administro o Céu, a Terra e o Duat, e confiro vida às almas das gerações futuras. Pela potência de meu verbo mágico faço chegar o ar a quem passa pelas provas dos mistérios... Olha! Venho a ti! Sou *Thot*! Tranqüilizo a Horus e acalmo o furor dos dois combatentes. Tenho domado os espíritos vermelhos e os demônios da revolta. Sou *Thot* que cada dia vem à cidade de Kher-Aha. Eis aqui que amarro minha barca. Tenho-a conduzido do leste para o Oeste. Em verdade, sobrepujo, em esplendor, a todos os deuses, pois meu nome é: “Aquele que é sublime”. Tenho aberto caminhos para o bem com meu nome de Up-Uaut.

Glória a Osíris Um-Nefer, Infinito, Eterno!

Livro dos Mortos, Capítulo 182.

CAPÍTULO I

A VIDA

Ainda que pareça incrível, é muito certo e de toda verdade que esta tão alardeada civilização moderna é espantosamente feia, não reúne as características transcendentais do sentido estético e está desprovida de beleza interior.

É muito que presumimos com esses horripilantes edifícios de sempre, que parecem verdadeiras ratoeiras. O mundo tornou-se tremendamente tedioso com as mesmas ruas de sempre e os prédios horripilantes por onde quer que se vá. Tudo isto virou rotina, de norte a sul, de leste e no oeste do mundo. É a mesma monotonia de sempre: horripilante, nauseante, estéril. Modernismo! – Exclamam as multidões.

Parecemos verdadeiros pavões vaidosos com os trajes que vestimos e com os sapatos muito brilhantes, ainda que por toda parte circulem milhões de infelizes famintos, desnutridos, miseráveis. A simplicidade e a beleza natural, espontânea, ingênua, desprovida de artifícios e maquiagens vaidosas desapareceram do sexo feminino. Agora somos modernos! Assim é a vida.

As pessoas tornaram-se espantosamente cruéis, a caridade esfriou e já ninguém se apieda de ninguém. As vitrines ou mostruários das luxuosas lojas resplandecem com luxuosas mercadorias que, definitivamente, estão fora do alcance dos infelizes. É só o que podem fazer os párias da vida: contemplar sedas e jóias, perfumes contidos em luxuosos frascos e guarda-chuvas para as tempestades. Ver sem poder tocar, suplício semelhante ao de Tântalo.

As pessoas destes tempos modernos tornaram-se excessivamente grosseiras. O perfume da amizade e a fragrância da sinceridade desapareceram radicalmente. As multidões gemem sobrecarregadas de impostos. Todo mundo está com problemas; devem-nos e devemos, ajuízam-nos e não temos com que pagar, as preocupações despedaçam cérebros, ninguém vive tranqüilo.

Os burocratas, com a curva da felicidade na barriga e um bom charuto na boca, no qual psicologicamente se apóiam, jogam malabarismos políticos com a mente, sem dar a mínima para a dor dos povos. Ninguém é feliz por estes tempos, menos ainda a classe média que se encontra entre a espada e a parede.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, comerciantes e mendigos, sapateiros e funileiros, vivem porque têm que viver; afogam em vinho suas torturas e até se convertem em drogados para escapar do “Mim mesmo”.

As pessoas tornaram-se maliciosas, receosas, desconfiadas, astutas, perversas, já ninguém confia em ninguém. Diariamente, inventam-se novas condições, certificados, papelada de todo tipo, documentos, credenciais etc., mas nada disso adianta. Os espertalhões zombam de todas estas tolices, não pagam, esquivam-se da lei, ainda que tenham que ir parar na cadeia.

Nenhum emprego dá felicidade. O sentido do verdadeiro amor perdeu-se e as pessoas casam-se hoje e divorciam-se amanhã. A unidade dos lares lamentavelmente se perdeu. A vergonha orgânica já não existe. O lesbianismo e o homossexualismo tornaram-se mais comuns que o ato de lavar as mãos.

Saber algo sobre tudo isso, tratar de conhecer a causa de tão grande podridão, inquirir, buscar, é certamente o que nos propomos neste livro.

Estou falando na linguagem da vida prática, desejoso de saber o que se esconde por trás dessa máscara horripilante da existência. Estou pensando em voz alta e que digam os velhacos do intelecto o que lhes venham nas cabeças.

As teorias já se tornaram cansativas e até se vendem e revendem no mercado... Então, o quê? As teorias só servem para nos ocasionar preocupações e nos amargurar mais a vida. Com justa razão disse Goethe: "toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos que é a vida." As pobres pessoas já se cansaram de tantas teorias. Agora se fala muito sobre

praticabilidade. Necessitamos ser práticos e conhecer realmente as causas dos nossos sofrimentos.

CAPÍTULO II

A CRUA REALIDADE DOS FATOS

Em breve, milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina podem morrer de fome. O gás lançado pelos *sprays* pode acabar radicalmente com o ozônio da atmosfera terrestre. Alguns sábios prognosticam que, no ano dois mil, o subsolo de nosso globo terráqueo estará esgotado. As espécies marítimas estão morrendo devido à contaminação dos mares. Isto já está demonstrado.

Do jeito que vamos, é inquestionável que, no final deste século, todos os habitantes das grandes cidades deverão usar máscaras de oxigênio, para se defenderem da poluição. Se continuar a contaminação atual, dessa forma alarmante, em pouco tempo já não será possível comer peixes, pois estes, vivendo em águas assim, totalmente contaminadas, serão perigosos para a saúde. Antes do ano dois mil será quase impossível encontrar uma praia onde alguém possa banhar-se com água pura.

Devido ao desmedido consumo e exploração do solo e do subsolo, logo as terras já não poderão produzir os elementos agrícolas necessários para a alimentação das pessoas.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, ao contaminar os mares com tanta imundície, ao envenenar o ar com a fumaça de seus carros e de suas fábricas, ao destruir a Terra com suas explosões atômicas subterrâneas e abuso da utilização de elementos prejudiciais para a crosta terrestre, está submetendo o planeta Terra a uma longa e espantosa agonia.

Indubitavelmente, tudo isso haverá de terminar em uma grande catástrofe. Dificilmente, o mundo poderá cruzar o umbral do ano dois mil, já que o “animal intelectual” está destruindo o ambiente natural a mil por hora.

O “mamífero racional” equivocadamente chamado homem, está empenhado em destruir a Terra. Quer fazê-la inabitável e é óbvio que o está conseguindo. No que se refere aos mares, é notório que estes foram convertidos, por todas as nações, numa espécie de grande lixeira. Setenta por cento de todo o lixo do mundo está indo para cada um dos mares. Enormes quantidades de petróleo, inseticidas de toda classe, múltiplas substâncias químicas, gases venenosos, gases neurotóxicos, detergentes etc., estão aniquilando todas as espécies viventes do oceano. As aves marítimas e o plâncton, tão indispensável para a vida, estão sendo destruídos. Indiscutivelmente, a aniquilação do plâncton marinho é de uma gravidade incalculável porque este microrganismo produz setenta por cento do oxigênio terrestre.

Mediante a investigação científica pôde-se verificar que, já certas partes do Atlântico e do Pacífico, se encontram contaminadas com resíduos radioativos, produto das explosões atômicas. Em distintas metrópoles do mundo e muito especialmente na Europa, a água doce é bebida, eliminada, depurada e logo é bebida novamente. Nas grandes cidades "supercivilizadas", a água servida à mesa passa pelos organismos humanos muitas vezes. Um em cada três casos de enfermidade no mundo é devido, precisamente, à água contaminada.

Na cidade de Cúcuta, Colômbia, na fronteira com a Venezuela (América do Sul), os habitantes se vêem obrigados a beber as águas negras e imundas do rio que carrega todas as porcarias que vêm de Pamplona. Quero referir-me, de forma enfática, ao rio Pamplonita, que tem sido tão nefasto para a "Pérola do Norte" (Cúcuta). Felizmente, agora, existe outro aqueduto que abastece a cidade, sem que por isso se tenha deixado de beber das águas negras do rio Pamplonita.

Enormes filtros, gigantescas máquinas, substâncias químicas tratam de purificar as águas negras das grandes cidades da Europa, mas as epidemias continuam propagando-se com essas águas negras imundas que tantas vezes passaram pelos organismos humanos. Os famosos bacteriólogos encontraram na água potável das grandes capitais toda classe de vírus, colibacilos, bactérias de tuberculose, tifo, varíola, larvas, patógenos etc. Ainda que pareça incrível, dentro dos próprios reservatórios das estações de água potável de países europeus foi encontrado o vírus da vacina da poliomielite.

Além disso, o desperdício de água é espantoso. Cientistas modernos nos afirmam que, pelo ano de 1990, o "humanóide racional" morrerá de sede. O pior de tudo isso é que as reservas subterrâneas de água doce encontram-se em perigo devido aos abusos do “animal intelectual”.

A exploração, sem misericórdia, dos poços de petróleo continua sendo fatal. O petróleo que se extrai do interior da terra atravessa as águas subterrâneas e as contamina. Como consequência, o petróleo tem tornado impotáveis as águas subterrâneas da terra há mais de um século. Obviamente, o resultado de tudo isto é a morte dos vegetais e de muitas pessoas.

Falemos agora um pouco sobre o ar que tão indispensável é para a vida das criaturas...

Com cada aspiração ou inalação, os pulmões tomam meio litro de ar, ou seja, uns doze metros cúbicos ao dia. Multiplique-se tal quantidade pelos quatro bilhões e quinhentos milhões de habitantes que possui a Terra e, então, teremos a quantidade exata de oxigênio que diariamente é consumida pela humanidade inteira, sem contar o que consomem todas as outras criaturas animais que povoam a face da Terra. A totalidade do oxigênio que inalamos encontra-se na atmosfera e se deve ao plâncton que agora estamos destruindo com a contaminação e, também, à atividade fotossintética dos vegetais. Desgraçadamente, as reservas de oxigênio já estão se esgotando.

O “mamífero racional” equivocadamente chamado homem, mediante suas inumeráveis indústrias, está diminuindo, de forma contínua, a quantidade de radiação solar, tão necessária e indispensável para a fotossíntese e por isso a quantidade de oxigênio que produzem atualmente as plantas é agora muitíssimo menor que no século passado.

O mais grave de toda esta tragédia mundial é que o “animal intelectual” continua contaminando os mares, destruindo o plâncton e acabando com a vegetação. O “animal racional” prossegue destruindo, lamentavelmente, suas fontes de oxigênio.

O “*smog*” está não só aniquilando as reservas de oxigênio, mas também está matando as pessoas. O “*smog*” que o “humanóide racional” está constantemente lançando no ar, além de matar, põe em perigo a vida do planeta Terra, pois origina estranhas e perigosas enfermidades impossíveis de curar, isto já está demonstrado. Além disso, o “*smog*” impede a entrada da luz solar e, em especial, dos raios ultravioletas, originando graves desordens atmosféricas.

Advirá um período de alterações climáticas, glaciações, avanço dos gelos polares para o equador, ciclones espantosos, terremotos etc. Devido não ao uso, mas sim ao abuso da energia elétrica, no ano dois mil haverá mais calor em algumas regiões do planeta Terra e isto coadjuvará no processo de revolução dos eixos da Terra. Brevemente, os pólos estarão situados no equador da Terra, e este último converter-se-á em pólos. O degelo dos pólos já começou e um novo dilúvio universal, precedido pelo fogo, avizinha-se.

Nos próximos decênios, multiplicar-se-á o dióxido de carbono e esta combinação química formará uma grossa capa na atmosfera da Terra. Tal filtro, ou capa, absorverá lamentavelmente a radiação térmica e atuará como uma estufa de fatalidades. O clima da Terra será mais quente em muitos lugares e o calor derreterá o gelo dos pólos, por tal motivo subirá escandalosamente o nível dos oceanos.

A situação é gravíssima! O solo fértil está desaparecendo e diariamente nascem duzentas mil pessoas que necessitam de alimento. A catástrofe mundial da fome que se avizinha será certamente pavorosa. Isto já está às portas. Atualmente, a cada ano morrem quarenta milhões de pessoas pela fome, por falta de comida.

A criminoso industrialização dos bosques e a exploração desapiada das minas e do petróleo estão deixando a terra convertida num deserto.

Assim, como é certo que a energia nuclear é mortal para a humanidade, igualmente certo é o fato de que atualmente existem também “raios da morte”, bombas bacteriológicas e muitos outros elementos destrutivos, terrivelmente malignos, inventados pelos cientistas.

Inquestionavelmente, para conseguir a energia nuclear requerem-se grandes quantidades de calor, difíceis de controlar e que a qualquer momento podem originar uma catástrofe. Para conseguir a energia nuclear, requerem-se enormes quantidades de minerais radioativos, dos quais só se aproveita uns trinta por cento, isso faz com que o subsolo terráqueo se esgote rapidamente.

Os desperdícios atômicos que ficam no subsolo tornam-se espantosamente perigosos. Não existe lugar seguro para o lixo atômico.

Se o gás de uma lixeira atômica chegasse a escapar, ainda que só fosse uma mínima porção, morreriam milhares de pessoas.

A contaminação de alimentos e águas traz alterações genéticas e monstros humanos, criaturas que nascem deformadas e monstruosas. Antes do ano de 1999, haverá um grave acidente nuclear que causará verdadeiro espanto.

Certamente, a humanidade não sabe viver, degenerou-se espantosamente e se precipitou francamente ao abismo. O mais grave de toda esta questão é que os fatores de tal desolação, como fomes, guerras, destruição do planeta em que vivemos etc., estão dentro de nós mesmos, nós os carregamos em nosso interior, em nossa psique.

CAPÍTULO III

A FELICIDADE

As pessoas trabalham diariamente, lutam por sobreviver; querem existir de alguma maneira, porém não são felizes. Isso da felicidade, só lá na China, como se diz por aí. O pior é que as pessoas sabem disso, mas no meio de tantas amarguras, parece que não perdem as esperanças de alcançar a felicidade algum dia, sem saber como, nem de que maneira. Pobres pessoas! Como sofrem! E, no entanto, querem viver, temem perder a vida.

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente até pensariam diferente, mas, na verdade, nada sabem. Querem sobreviver em meio a sua desgraça e isso é tudo.

Existem momentos prazerosos, muito agradáveis, mas isso não é felicidade. As pessoas confundem o prazer com a felicidade. Folia, farra, bebedeira, orgia, é prazer bestial, mas não é felicidade. No entanto, há festinhas saudáveis, sem bebedeiras, sem bestialidades, sem álcool etc., mas isso tampouco é felicidade.

Você é uma pessoa amável? Como se sente quando dança? Você está enamorado? Ama de verdade? Como se sente dançando com o ser querido? Permita que me torne um pouco cruel, nestes momentos, ao dizer-lhe que isto também não é felicidade.

Se você está velho e esses prazeres já não lhe atraem, desculpe-me se lhe digo que seria diferente se você fosse jovem, cheio de ilusões.

De todas as maneiras, diga-se o que se diga, dance ou não dance, namore ou não namore, tenha ou não isso que se chama dinheiro, você não é feliz, ainda que pense o contrário.

Passamos a vida buscando a felicidade por todas as partes e morremos sem havê-la encontrado. Na América Latina são muitos os que têm esperanças de tirar algum dia o prêmio gordo da loteria, crêem que assim vão conseguir a felicidade. Alguns até de verdade o tiram, mas nem por isso conseguem a tão ansiada felicidade. Quando somos jovens sonhamos com a mulher ideal, alguma princesa das "Mil e Uma Noites", algo extraordinário. Depois, vem a crua realidade dos fatos: mulher, filhos pequenos para sustentar, difíceis problemas econômicos etc.

Não há dúvida de que, à medida que os filhos crescem os problemas também aumentam e até se tornam impossíveis de serem resolvidos. Conforme o menino ou a menina vão crescendo, os sapatinhos vão sendo cada vez maiores e o preço também, isto é claro. Conforme as crianças crescem, as roupas vão custando cada vez mais e mais cara. Havendo dinheiro, não há problemas nisto; mas, se não há, a coisa é grave e se sofre horrivelmente.

Tudo isso seria mais ou menos tolerável, se ele tivesse uma boa mulher; mas quando o pobre homem é traído, quando lhe põem "chifres", de que lhe serve então lutar para conseguir dinheiro? Existem casos extraordinários, mulheres maravilhosas, companheiras de verdade, tanto na opulência quanto na desgraça, mas para o cúmulo dos cúmulos, então o homem não sabe apreciá-la e até a abandona por outras mulheres que vão lhe amargar a vida.

Muitas são as mocinhas que sonham com um "príncipe azul". Infelizmente, na verdade as coisas se tornam bem diferentes e, no terreno dos fatos, a pobre mulher casa-se com um verdugo. A maior ilusão de uma mulher é chegar a ter um belo lar e ser mãe. Santa predestinação! No entanto, ainda que tenha um marido muito bom, coisa por certo muito difícil, no fim, tudo passa. Os filhos e as filhas se casam, se vão ou são ingratos com seus pais e o lar termina definitivamente.

Conclusão: neste mundo cruel em que vivemos não existe gente feliz! Todos os pobres seres humanos são infelizes.

Na vida, conhecemos muitos "burros" carregados de dinheiro, cheios de problemas, disputas de toda espécie, sobrecarregados de impostos etc. Não são felizes.

De que serve ser rico, se não se goza de boa saúde? Se não se tem um verdadeiro amor? Pobres ricos! Às vezes são mais desgraçados que qualquer mendigo. Tudo passa nesta vida! Passam as coisas, as pessoas, as idéias etc. Os que têm dinheiro e os que não têm também passam... e ninguém conhece a autêntica felicidade.

Muitos querem escapar do "Mim mesmo" por meio das drogas ou do álcool, mas, em verdade, não só não conseguem escapar, mas, o pior é que ficam presos no inferno do vício. Os amigos do álcool, da maconha ou da LSD etc., desaparecem como por encanto, quando o viciado resolve mudar de vida.

Fugindo do "Mim mesmo", do "Eu mesmo", não se alcança a felicidade. Interessante seria agarrar o "touro pelos chifres". Observar o "Eu", estudá-lo com o propósito de descobrir as causas da dor. Quando descobrimos as causas verdadeiras de tantas misérias e amarguras, é óbvio que algo pode acontecer...

Se conseguirmos acabar com o "Mim mesmo", com "minhas bebedeiras", "meus vícios", "meus afetos" que tantas dores me causam no coração, minhas preocupações que me destroçam o cérebro e me adoecem etc., é claro, então, que advém isso que não é do tempo; isso que está mais além do corpo, das emoções e da mente; isso que realmente é desconhecido para o entendimento e que se chama felicidade!

Inquestionavelmente, enquanto a consciência continuar engarrafada, embutida no "Mim mesmo", no "Eu mesmo", de nenhuma maneira se poderá conhecer a legítima felicidade. A felicidade tem um sabor que o "Eu mesmo", o "Mim mesmo" jamais conheceu.

CAPÍTULO IV

A LIBERDADE

O sentido da liberdade é algo que ainda não foi entendido pela humanidade. Sobre o conceito liberdade, apresentado sempre de forma mais ou menos equivocada, cometeram-se gravíssimos erros.

Certamente se luta por uma palavra, tiram-se deduções absurdas, cometem-se atropelos de toda espécie e se derrama sangue nos campos de batalha. A palavra liberdade fascina a todo mundo, mas ninguém a compreende de verdade. Existe muita confusão com relação a esta palavra. Não é possível encontrar uma dezena de pessoas que defina a palavra liberdade da mesma forma e do mesmo modo. É que o termo liberdade não poderia de nenhuma maneira, ser compreensível para o racionalismo subjetivo.

Cada pessoa tem idéias diferentes sobre esta palavra; opiniões subjetivas, desprovidas de toda realidade objetiva. Ao se propor a questão liberdade, existe incoerência, indefinição, incongruência em cada mente. Estou seguro de que nem sequer Immanuel Kant, o autor da "Crítica da Razão Pura" e da "Crítica da Razão Prática", jamais analisou esta palavra para dar-lhe o sentido exato.

Liberdade, linda palavra, belo termo! Quantos crimes se cometeram em seu nome!

Indiscutivelmente, o termo liberdade hipnotizou as multidões. As montanhas e os vales, os rios e os mares tingiram-se com sangue ao conjuro desta mágica palavra. Quantas bandeiras, quanto sangue e quantos heróis sucederam-se no curso da história, cada vez que se colocou a questão da liberdade sobre o tapete da vida.

Infelizmente, depois de toda independência a tão alto preço alcançada, a escravidão continua dentro de cada pessoa. Quem é livre? Quem conseguiu a famosa liberdade? Quantos se emanciparam? Ai! Ai! Ai!

O adolescente anseia por liberdade. Parece incrível que, muitas vezes, tendo pão, agasalho e refúgio, queira fugir da casa paterna em busca da liberdade. É incongruente que o juvenzinho que tem tudo em casa, queira evadir-se, fugir, afastar-se de sua morada, fascinado pela palavra

liberdade. É estranho que, gozando do conforto do lar, queira perder o que tem, para viajar por estas terras do mundo, e mergulhar na dor.

Que o desventurado, o excluído da vida, o mendigo, queira de verdade afastar-se do casebre, da choça, com o propósito de obter alguma mudança para melhor, é correto. Porém, que o jovem de bem, o filhinho da mamãe busque escapatória, fugir, torna-se incongruente e até absurdo. Entretanto, assim acontece. A palavra liberdade fascina, enfeitiça, ainda que ninguém saiba defini-la de forma precisa.

Que a donzela queira liberdade, que anele mudar de casa, que deseje casar-se para escapar do lar paterno e viver uma vida melhor, é em parte, lógico, porque ela tem direito de ser mãe. No entanto, já na vida de casada, se dá conta de que não é livre e que, com resignação, haverá de seguir carregando as cadeias da escravidão.

O empregado, cansado de tantos regulamentos, quer se ver livre, e se consegue alcançar a independência, encontra-se com o problema de que continua sendo escravo de seus próprios interesses e preocupações. Certamente, cada vez que se luta pela liberdade, encontramos defraudados, apesar das vitórias.

Tanto sangue derramado inutilmente em nome da liberdade e, no entanto, continuamos sendo escravos de nós mesmos e dos demais. As pessoas lutam por palavras que nunca entendem, ainda que os dicionários as expliquem gramaticalmente. A liberdade é algo para se conseguir dentro do "Mim mesmo". Ninguém pode alcançá-la fora do "Mim mesmo".

"Cavalgar pelo ar" é uma frase oriental que alegoriza o sentido da genuína liberdade. Ninguém poderia realmente experimentar a liberdade, enquanto sua Consciência continue engarrafada no "Mim mesmo", no "Si mesmo". Compreender esse "Eu" mesmo, minha pessoa, o que eu sou, é urgente, quando se quer, muito sinceramente, conseguir a liberdade. De modo algum, poderíamos destruir os grilhões da escravidão, sem antes haver compreendido toda esta questão "minha", tudo isto que corresponde ao "Eu", ao "Mim mesmo".

Em que consiste, pois, a escravidão? O que é isto que nos mantém escravos? Quais são estas travas? Tudo isso é o que necessitamos descobrir.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, estão todos formalmente presos, ainda que se considerem livres. Enquanto a Consciência, a Essência, o mais digno e decente que temos em nosso interior, continuar engarrafada no "Mim mesmo", no "Eu" mesmo, em minhas apetências e temores, em meus desejos e paixões, em minhas preocupações e violências, em meus defeitos psicológicos, estaremos em formal prisão.

O sentido de liberdade só pode ser compreendido integralmente quando forem aniquilados os grilhões de nosso próprio cárcere psicológico. Enquanto, o "Eu mesmo" existir, a Consciência estará aprisionada. Evadir-se do cárcere só é possível mediante a aniquilação budista, dissolvendo o "Eu" reduzindo-o a cinzas, a poeira cósmica. A Consciência livre, desprovida do "Eu" em ausência absoluta do "Mim mesmo" sem desejos, sem paixões, sem apetências ou temores, experimenta de forma direta a verdadeira liberdade.

Qualquer conceito sobre liberdade, não é liberdade. As opiniões que formemos sobre a liberdade estão muito longe de serem a realidade. As idéias que forjemos sobre o tema liberdade, nada têm a ver com a autêntica liberdade. A liberdade é algo que temos que experimentar de forma direta e isto só é possível morrendo psicologicamente, dissolvendo o "Eu" acabando para sempre com o "Mim mesmo".

De nada serviria continuar sonhando com a liberdade, se, de todas as maneiras, prosseguimos como escravos.

Mais vale ver-nos a nós mesmos como somos, observando cuidadosamente todos esses grilhões da escravidão que nos mantém em formal prisão.

Quando nos autoconhecemos e vemos o que somos interiormente, descobrimos a porta da autêntica liberdade.

CAPÍTULO V

A LEI DO PÊNDBULO

É interessante ter um relógio de parede em casa, não só para saber as horas, mas também para refletir um pouco. Sem o pêndulo o relógio não funciona. O movimento do pêndulo é profundamente significativo.

Nos tempos antigos, o dogma da evolução não existia, então, os sábios entendiam que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo. Tudo flui e reflui, sobe e desce, cresce e decresce, vai e vem de acordo com esta lei maravilhosa.

Nada há de estranho em que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vaivém do tempo, que tudo evolucione e involucione. Num extremo do pêndulo fica a alegria e no outro a dor. Todas as nossas emoções, pensamentos, anelos, desejos, oscilam com a Lei do Pêndulo. Esperança e desespero, pessimismo e otimismo, paixão e dor, triunfo e fracasso, lucro e perda, correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo o seu poderio e senhorio às margens do rio sagrado; mas, quando o pêndulo foi para o outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto, caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos profetas. Quando o pêndulo mudou de posição caiu Israel, e emergiu, no outro extremo, o Império Romano.

O movimento pendular levanta e derruba impérios, faz surgir poderosas civilizações, e logo as destrói etc.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo, as diversas escolas pseudos esotéricas e pseudos ocultistas, religiões e seitas. Podemos colocar, no extremo esquerdo do movimento pendular, todas as escolas materialistas, marxistas, ateístas, cépticas etc. Antíteses do movimento pendular, mutantes, sujeitas a permutação incessante .

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir ao outro extremo do pêndulo, converter-se em ateu, materialista, céptico. O fanático materialista ateu, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental ou um momento de terror indizível, pode ser levado ao extremo oposto do movimento pendular, e converter-se num reacionário religioso insuportável. Exemplos: um sacerdote, vencido numa

polêmica por um esoterista, desesperado, tornou-se incrédulo e materialista. Conhecemos o caso de uma senhora ateuista e incrédula que, devido a um fato metafísico concludente e definitivo, converteu-se numa expoente magnífica do esoterismo prático.

Em nome da verdade, devemos declarar que o ateuista materialista verdadeiro e absoluto é uma farsa, não existe. Ante a proximidade de uma morte inevitável, em um instante de terror indizível, os inimigos do Eterno, os materialistas e incrédulos passam instantaneamente ao outro extremo do pêndulo e acabam orando, chorando e clamando com fé infinita e enorme devoção.

O mesmo Karl Marx, autor do Materialismo Dialético, foi um fanático religioso judeu e, depois da sua morte, renderam-lhe honras fúnebres de grande rabino. Karl Marx elaborou sua Dialética Materialista com um só propósito: "criar uma arma para destruir todas as religiões do mundo por meio do ceticismo." É um caso típico dos ciúmes religiosos levados ao extremo. De modo algum Marx poderia aceitar a existência de outras religiões e preferiu destruí-las mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu com um dos Protocolos de Sião que diz textualmente "Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo. No dia em que triunfamos, ensinaremos a religião de Moisés, devidamente codificada e em forma dialética, e não permitiremos nenhuma outra religião no mundo."

É muito interessante que, na União Soviética, as religiões sejam perseguidas, e ao povo se ensine dialética materialista, enquanto nas sinagogas se estuda o Talmude, a Bíblia e a religião, e trabalham livremente, sem problema algum. Os amos do governo russo são fanáticos religiosos da lei de Moisés, mas eles envenenam o povo com essa farsa do Materialismo Dialético.

Jamais nos pronunciáramos contra o povo de Israel. Só estamos nos declarando contra certa elite que faz jogo duplo: enquanto envenena o povo com a Dialética Materialista, pratica, em segredo, a religião de Moisés, perseguindo fins inconfessáveis.

Materialismo e Espiritualismo, com toda sua seqüela de teorias, dogmas e preconceitos de toda espécie, processam-se na mente de acordo com a Lei do Pêndulo e mudam de moda de acordo com os tempos e os costumes. Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos, os quais ninguém entende. A mente nada sabe sobre o espírito, nada sabe sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso: um conceito. A realidade não é um conceito, ainda que a mente possa forjar muitos conceitos sobre a realidade. O espírito é espírito (o Ser) e só a "Si mesmo" pode conhecer. Escrito está: "O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser".

Os fanáticos do deus matéria, os cientistas do Materialismo Dialético são cem por cento empíricos e absurdos. Falam sobre matéria com uma auto-suficiência deslumbrante e estúpida, quando realmente nada sabem sobre a mesma. Que é matéria? Qual destes tontos cientistas o sabe? A tão cacarejada matéria é também um conceito demasiado discutível e bastante espinhoso. Qual é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem ou o quê? Dizer que tudo isto é matéria seria tão empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado, um coração ou um rim. Obviamente, uma coisa é uma coisa, e outra coisa, outra coisa.

Cada órgão é diferente e cada substância é distinta. Então, qual de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Muita gente joga com os conceitos do pêndulo, porém, em realidade, os conceitos não representam a realidade. A mente só conhece formas ilusórias da natureza, porém nada sabe sobre a verdade contida em tais formas.

As teorias saem de moda com o tempo, com os anos, e o que aprendemos na escola depois já não serve. Conclusão: ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo passam como a moda das mulheres, todos esses são processos da mente, coisas que sucedem na superfície do entendimento, tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica opõe-se outra disciplina, a qualquer processo psicológico logicamente estruturado opõe-se outro semelhante, e depois de tudo, o que resta?

O que nos interessa é o Real, a Verdade, mas isto não é questão do pêndulo, não se encontra entre o vaivém das teorias e crenças.

A Verdade é o desconhecido de instante a instante, de momento a momento. A Verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita, nem tampouco na extrema esquerda. Quando perguntaram a Jesus: “Que é a Verdade?”, ele guardou profundo silêncio. E quando fizeram a mesma pergunta a Buda, ele deu as costas e se retirou.

A Verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem sequer de preconceitos de extrema direita ou de extrema esquerda. O conceito que a mente possa forjar sobre verdade, jamais é a Verdade. A idéia que o entendimento tenha sobre a verdade, nunca é a Verdade. A opinião que tenhamos sobre a verdade, por muito respeitável que seja, de modo algum é a Verdade. Nem as correntes espiritualistas, nem suas oponentes materialistas, podem jamais conduzir-nos à Verdade. A Verdade é algo que deve ser experimentado em forma direta, como quando colocamos o dedo no fogo e nos queimamos, ou como quando engolimos água e nos afogamos.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos e é ali onde devemos descobrir e experimentar, em forma direta, o Real, a Verdade. Precisamos nos auto-explorar diretamente para chegarmos ao autodescobrimento e ao conhecimento profundo de nós mesmos. A experiência da Verdade só advém quando eliminamos os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o “Mim mesmo”.

Somente eliminando o erro, advém a Verdade. Só desintegrando o “Eu” mesmo, meus erros, meus preconceitos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fornicções, encastelamentos intelectuais e auto-suficiências de toda espécie, advém a nós a experiência do real.

A Verdade nada tem a ver com o que se tenha dito ou deixado de dizer; com o que se tenha escrito ou deixado de escrever; ela somente advém a nós quando o “Mim mesmo” morreu.

A mente não pode buscar a Verdade, porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a Verdade, porque jamais a conheceu. A Verdade advém a nós de forma espontânea, quando eliminamos todos os elementos indesejáveis que constituem o “Mim mesmo”, o “Eu” mesmo.

Enquanto a Consciência continuar engarrafada dentro do “Eu” mesmo, não poderá experimentar isso que é o Real, isso que não é do tempo, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a Verdade. Quando o “Mim mesmo” fica reduzido à poeira cósmica, a Consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar, de forma direta, a Verdade.

Com justa razão disse o Grande *Kabir* Jesus: “Conhecereis a Verdade e ela vos libertará”.

De que serve ao homem conhecer cinquenta mil teorias se jamais experimentou a Verdade? O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável, mas a qualquer sistema se opõe outro e nem um, nem outro é a Verdade.

O melhor é que nos auto-exploremos para nos autoconhecermos e, assim, podermos experimentar, um dia e diretamente, o Real, a Verdade.

CAPÍTULO VI

CONCEITO E REALIDADE

Quem ou o quê pode garantir que conceito e realidade são absolutamente iguais? O conceito é uma coisa e a realidade é outra, e existe a tendência a superestimar nossos próprios conceitos.

Realidade igual a conceito é algo quase impossível, no entanto, a mente, hipnotizada por seu próprio conceito, supõe sempre que este e a realidade são iguais. A um processo psicológico qualquer, corretamente estruturado, mediante uma lógica exata, opõe-se outro diferente, rigidamente formado, com lógica similar ou superior; e então?

Duas mentes severamente disciplinadas, dentro de férreas estruturas intelectuais, discutindo entre si, polemizando sobre tal ou qual realidade, crê, cada uma, na exatidão de seu próprio conceito e na falsidade do conceito alheio. Mas qual delas tem a razão? Quem poderia, honestamente, inclinar-se por um ou outro dos polemistas? Como poderíamos, honestamente, garantir um ou outro lado? Em qual deles conceito e realidade são iguais?

Indiscutivelmente, cada cabeça é um mundo, e em todos, e em cada um de nós existe uma espécie de dogmatismo pontifício e ditatorial que quer nos fazer crer na igualdade absoluta de conceito e realidade. No entanto, por mais fortes que sejam as estruturas de um raciocínio, nada pode garantir a igualdade absoluta de conceito e realidade. Sem dúvida, a mente fascinada sempre supõe que qualquer conceito emitido, seja sempre igual à realidade.

Aqueles que estão auto-encerrados dentro de qualquer procedimento lógico intelectual, querem sempre fazer coincidir a realidade dos fenômenos com os conceitos elaborados, e isto não é mais que o resultado da alucinação raciocinativa.

Abriu-se ao novo é a difícil facilidade do clássico. Infelizmente, as pessoas querem descobrir e ver, em todo fenômeno natural, seus próprios dogmas, julgamentos, conceitos, preconceitos, opiniões e teorias. Ninguém sabe ser receptivo, ver o novo com mente limpa e espontânea.

Que os fenômenos falassem ao sábio, seria o indicado. Desafortunadamente, os sábios desses tempos não sabem escutar, não sabem ver os fenômenos, só querem a confirmação de todos os seus preconceitos. Ainda que pareça incrível, os cientistas modernos nada sabem sobre os fenômenos naturais.

Quando vemos, nos fenômenos da natureza, exclusivamente nossos próprios conceitos, certamente não estamos vendo os fenômenos, mas os conceitos. Contudo, os tontos cientistas, alucinados por seu fascinante intelecto, crêem, de forma estúpida, que cada um dos seus conceitos é absolutamente igual a tal ou qual fenômeno observado, quando a realidade é diferente.

Não negamos que nossas afirmações sejam rechaçadas por todo aquele que esteja auto-encerrado por tal ou qual procedimento lógico. Inquestionavelmente, a condição pontifícia e dogmática do intelecto de modo algum poderia aceitar que tal ou qual conceito, corretamente elaborado, não coincida exatamente com a realidade.

Tão logo a mente observe tal ou qual fenômeno por meio dos sentidos, apressa-se de imediato a rotulá-lo com tal ou qual termo científico que, indiscutivelmente, só vem a servir como remendo para tapar a própria ignorância.

A mente não sabe realmente ser receptiva ao novo, mas sabe inventar termos complicadíssimos com os quais pretende qualificar de forma auto-enganosa o que certamente ignora.

Falando desta vez em sentido socrático, diremos que a mente não somente ignora senão, ademais, ignora que ignora. A mente moderna é terrivelmente superficial, especializou-se em inventar termos difíceis para tapar sua própria ignorância.

Existem duas classes de ciência. A primeira não é mais que essa podridão de teorias subjetivas que abundam por aí. A segunda é a ciência pura dos grandes iluminados, a ciência objetiva do Ser.

Indubitavelmente, não seria possível penetrar no anfiteatro da ciência cósmica, se antes não morrêssemos em nós mesmos. Precisamos desintegrar todos esses elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior e que em seu conjunto constituem o “Mim mesmo”, o “Eu” da Psicologia.

Enquanto a Consciência Superlativa do Ser continuar engarrafada no “Mim mesmo”, entre meus próprios conceitos e teorias subjetivas, será absolutamente impossível conhecer diretamente a crua realidade dos fenômenos naturais em “Si mesmo”.

A chave do laboratório da natureza está na mão direita do Anjo da Morte. Podemos aprender muito acerca do fenômeno do nascimento, mas da morte poderemos aprender tudo. O templo inviolado da ciência pura encontra-se no fundo da negra sepultura. Se o germe não morre, a planta não nasce. Só com a morte advém o novo.

Quando o “Ego” morre, a Consciência desperta para ver a realidade de todos os fenômenos da natureza, tal qual são em “Si mesmo” e por “Si mesmo”. A Consciência sabe o que experimenta diretamente por si mesma: o cru realismo da vida, mais além do corpo, dos afetos e da mente.

CAPÍTULO VII

A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA

No trabalho esotérico relacionado com a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, surge, às vezes, o fastio, o cansaço e o aborrecimento.

Inquestionavelmente, necessitamos voltar sempre ao ponto de partida original e revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que, de verdade, anelamos a mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável quando, de verdade, se quer uma transformação interior completa. Enquanto não amarmos o trabalho psicológico que conduz à mudança, a reavaliação dos princípios torna-se algo mais que impossível. Seria absurdo supor que pudéssemos nos interessar pelo trabalho se na realidade não chegamos a amá-lo. Isto significa que o amor é indispensável quando uma e outra vez tratamos de revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico.

Urge, antes de tudo, saber o que é isso que se chama Consciência, pois são muitas as pessoas que nunca se interessaram por saber algo sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente jamais ignoraria que um boxeador ao cair nocauteado sobre o ringue perde a consciência. É claro que, ao voltar a si, o desventurado pugilista adquire novamente a consciência.

Seqüencialmente, qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a Consciência. Ao vir ao mundo, todos trazemos à existência uns três por cento de Consciência, e uns noventa e sete por cento repartíveis entre subconsciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de Consciência desperta podem ser acrescidos na medida em que trabalhamos sobre nós mesmos. Não é possível acrescentar Consciência mediante

procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos. Indubitavelmente, a Consciência somente pode despertar à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Existem vários tipos de energia dentro de nós mesmos que devemos compreender. Primeiro: energia mecânica, segundo: energia vital, terceiro: energia psíquica, quarta: energia mental, quinta: energia da vontade, sexta: energia da consciência, sétima: energia do espírito puro.

Por mais que multiplicássemos a energia estritamente mecânica, jamais conseguiríamos despertar a Consciência. Por mais que incrementássemos as forças vitais dentro de nosso organismo, nunca chegaríamos a despertar a Consciência.

Muitos processos psicológicos realizam-se dentro de nós mesmos sem necessidade da intervenção da Consciência. Por maiores que sejam as disciplinas da mente, a energia mental nunca poderá despertar, os diversos funcionalismos da Consciência. A força da vontade, ainda que fosse multiplicada até o infinito, não consegue despertar a Consciência.

Todos estes tipos de energia se escalonam em distintos níveis e dimensões que nada têm a ver com a Consciência, a qual somente pode ser despertada mediante trabalhos conscientes e retos esforços.

O pequeno percentual de Consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementado, costuma ser desperdiçado inutilmente na vida.

E óbvio que, ao nos identificarmos com todos os acontecimentos da nossa existência, desperdiçamos inutilmente a energia da Consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme, sem identificar-nos jamais com nenhuma comédia, drama ou tragédia, assim, economizaríamos energia conscientiva.

A Consciência em si mesma é um tipo de energia com elevadíssima frequência vibratória. Não confundamos a Consciência com a memória, pois são diferentes uma da outra, como o é a luz dos faróis do automóvel com relação à estrada por onde andamos.

Muitos atos se realizam, dentro de nós mesmos, sem participação alguma disso que se chama Consciência. Em nosso organismo sucedem muitos ajustes e reajustes, sem que a Consciência participe dos mesmos.

O centro motor de nosso corpo pode manobrar um automóvel ou dirigir os dedos que tocam o teclado de um piano, sem a mais insignificante participação da Consciência.

A Consciência é luz que o inconsciente não percebe. O cego tampouco percebe a luz física solar, mas ela existe por si mesma. Precisamos abrir-nos para que a Luz da Consciência penetre nas trevas espantosas do “Mim mesmo”, do “Si mesmo”.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando diz no Evangelho: "a luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

Mas seria impossível que a Luz da Consciência pudesse penetrar dentro das trevas do “Eu mesmo”, se previamente não usássemos o sentido maravilhoso da auto-observação psicológica. Precisamos franquear a passagem da luz para iluminar as profundidades tenebrosas do “Eu” da Psicologia.

Jamais nos auto-observaríamos se não tivéssemos interesse em mudar. Tal interesse só é possível quando amamos de verdade os Ensinamentos Esotéricos.

Agora compreenderão nossos leitores o motivo pelo qual aconselhamos revalorizar, uma e outra vez, as instruções concernentes ao trabalho sobre “Mim mesmo”, pois a Consciência desperta nos permite experimentar, de forma direta, a realidade.

Infelizmente, o “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, fascinado pelo poder formulativo da lógica dialética, esqueceu a Dialética da Consciência.

Sem dúvida alguma, o poder para formular conceitos lógicos é, no fundo, terrivelmente pobre. Da tese podemos passar à antítese e, mediante a discussão, à síntese, mas, esta última, em si mesma, continua sendo um conceito intelectual que, de modo algum, pode coincidir com a realidade.

A Dialética da Consciência é mais direta, nos permite experimentar a realidade de qualquer fenômeno em “Mim mesmo” e por “Mim mesmo”. Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente. A vida se desenvolve de instante a instante e, quando a capturamos para analisá-la, aniquilamos a vida.

Quando tentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato, deixamos de perceber a realidade do fenômeno e só vemos, no mesmo, o reflexo das teorias e conceitos rançosos que, de modo algum, nada tem a ver com o fato observado. A alucinação intelectual é fascinante e queremos, à força, que todos os fenômenos da natureza coincidam com nossa lógica dialética.

A Dialética da Consciência fundamenta-se nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo. Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos e se em nosso interior não as descobrimos, jamais as descobriremos fora de nós mesmos.

O homem está contido no universo e o universo está contido no homem. Real é aquilo que experimentamos em nosso interior. Só a Consciência pode experimentar a realidade.

A linguagem da Consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa e só os despertos podem compreendê-la. Quem queira despertar a Consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o “Ego”, o “Eu”, o “Mim mesmo”, dentro dos quais se encontra engarrafada a Essência.

CAPÍTULO VIII

O JARGÃO CIENTIFICISTA

A dialética lógica fica condicionada e ainda qualificada pelas proposições "em" e "acerca de", que jamais nos levam à experiência direta do real. Os fenômenos da natureza estão muito longe de ser como os cientistas os vêem.

Certamente, tão logo um fenômeno qualquer é descoberto, de imediato é qualificado ou rotulado com tal ou qual termo difícil do jargão científico. Obviamente, esses difíceis termos do cientificismo moderno só servem de remendo para esconder a ignorância. Os fenômenos naturais de modo algum são como os cientistas os vêem.

A vida, com todos os seus processos e fenômenos, desenvolve-se de momento a momento, de instante a instante e, quando a mente científicista a detém para analisá-la, de fato a mata.

Qualquer inferência extraída de um fenômeno natural qualquer, de nenhuma maneira é igual à realidade concreta do fenômeno. Desgraçadamente, a mente do cientista, alucinada por suas próprias teorias, crê firmemente no realismo de suas inferências.

O intelecto alucinado não somente vê nos fenômenos o reflexo de seus próprios conceitos mas, e o que é pior, quer de forma ditatorial fazer com que os fenômenos se tornem exata e absolutamente iguais a todos esses conceitos que levamos no intelecto. O fenômeno da alucinação intelectual é fascinante. Nenhum desses tontos cientistas ultramodernos admitiria a realidade de sua própria alucinação. Certamente, os sabichões destes tempos de modo algum admitiriam que se os qualificasse de alucinados. A força da auto-sugestão lhes faz crer na realidade de todos esses conceitos do jargão científicista.

Obviamente, a mente alucinada presume-se onisciente e, de forma ditatorial, quer que todos os processos da natureza andem pelos trilhos de suas sabichonices. Nem bem apareceu um fenômeno novo, é classificado, rotulado e o põem em tal ou qual lugar, como se em verdade o houvessem compreendido. São milhares os termos que se inventaram para rotular fenômenos, mas, nada sabem os pseudos sábios sobre a realidade dos mesmos.

Como exemplo vívido de tudo o que estamos afirmando neste capítulo, citaremos o corpo humano. Em nome da verdade podemos afirmar, de forma enfática, que este corpo físico é absolutamente desconhecido para os cientistas modernos. Uma afirmação desta classe poderia aparecer como muito insolente ante os pontífices do cientificismo moderno. Sem dúvida,

merecemos deles a excomunhão. No entanto, temos bases muito sólidas para fazer tão tremenda afirmação. Infelizmente, as mentes alucinadas estão tão convencidas de sua pseudo-sapiência, que nem remotamente poderiam aceitar o cru realismo de sua ignorância.

Se disséssemos às autoridades do cientificismo moderno que o conde Cagliostro, interessantíssimo personagem dos séculos XVI, XVII, XVIII, ainda vive em pleno século XX, se lhes disséssemos que o insigne Paracelso, ilustre médico da Idade Média, ainda existe, podem estar seguros de que os doutores do cientificismo atual ririam de nós e jamais aceitariam nossas afirmações. No entanto, é assim. Vivem atualmente sobre a face da Terra, autênticos mutantes, homens imortais, com corpos que datam de milhares e de milhões de anos atrás. O autor desta obra conhece os mutantes. Entretanto não ignora o ceticismo moderno, a alucinação dos cientistas e o estado de ignorância dos sabichões.

Por tudo isso, de modo algum, cairíamos na ilusão de crer que os fanáticos do jargão cientificista aceitassem a realidade de nossas insólitas declarações. O corpo de qualquer mutante é um franco desafio ao jargão cientificista destes tempos. O corpo de qualquer mutante pode mudar de figura e retornar logo ao seu estado normal sem receber dano algum. O corpo de qualquer mutante pode penetrar instantaneamente na quarta vertical e até assumir qualquer forma vegetal ou animal e retornar, posteriormente, ao seu estado normal sem nada sofrer. O corpo de qualquer mutante desafia violentamente os velhos textos da anatomia oficial.

Infelizmente, nenhuma destas declarações poderia convencer os alucinados do jargão cientificista. Esses senhores, sentados sobre seus sólidos pontifícios, sem dúvida nos olharão com desdém, talvez com ira e possivelmente até com um pouco de piedade. Entretanto, a verdade é o que é, e a realidade dos mutantes é um franco desafio a toda teoria ultramoderna. O autor da obra conhece os mutantes, porém, não espera que alguém o creia.

Cada órgão do corpo humano é controlado por leis e forças que nem remotamente conhecem os alucinados do jargão cientificista. Os elementos da natureza são, *de per se*, desconhecidos para a ciência oficial. As melhores fórmulas químicas estão incompletas: H₂O, dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, para formar água é algo empírico.

Se tratarmos de juntar, num laboratório, o átomo de oxigênio com dois de hidrogênio, não obteremos água nem nada, porque esta fórmula está incompleta. Falta-lhe o elemento fogo. Só com este citado elemento se poderia criar água.

O intelecto, por muito brilhante que pareça, jamais pode nos conduzir à experiência do real. A classificação de substâncias e os termos difíceis com que se rotulam as mesmas, só servem como remendo para esconder a ignorância. Isso de o intelecto querer que tal ou qual substância possua determinado nome e característica, torna-se absurdo e insuportável.

Por que o intelecto se presume onisciente? Por que se alucina pensando que as substâncias e os fenômenos são como ele crê que são? Por que quer a intelecção que a natureza seja uma réplica perfeita de todas as suas teorias, conceitos, opiniões, dogmas, preconceitos, julgamentos? Na realidade, os fenômenos naturais não são como se crê que são e as substâncias e forças da natureza, de nenhuma maneira, são como o intelecto pensa que são.

A Consciência desperta não é a mente, nem a memória, nem nada semelhante. Só a Consciência libertada pode experimentar, por si mesma e de forma direta, a realidade da vida livre em seu movimento.

Porém, devemos afirmar, de forma enfática, que enquanto exista dentro de nós mesmos qualquer elemento subjetivo indesejável, a Consciência continuará engarrafada em tal elemento e, por conseguinte, não poderá gozar da iluminação contínua e perfeita.

CAPÍTULO IX

O ANTICRISTO

O brilhante intelectualismo, como atividade manifesta do “Eu” psicológico é, indubitavelmente, o Anticristo.

Aqueles que supõem que o Anticristo é um personagem nascido em tal ou qual lugar da Terra, ou vindo deste ou daquele país estão, por certo, completamente equivocados.

Dizemos de forma enfática que o Anticristo não é, de modo algum, um sujeito definido, mas todos os sujeitos. Obviamente, o Anticristo radica no fundo de cada pessoa e se expressa de forma múltipla.

O intelecto posto a serviço do espírito é útil, o intelecto divorciado do espírito torna-se inútil. Do intelectualismo sem espiritualidade surgem os velhacos, viva manifestação do Anticristo. Inegavelmente, o velhaco é, no “Mim mesmo” e por “Si mesmo”, o Anticristo. Desgraçadamente, o mundo atual, com todas as suas tragédias e misérias, está governado pelo Anticristo. O estado caótico em que se encontra a humanidade atual se deve, indubitavelmente, ao Anticristo.

O iníquo, de quem Paulo de Tarso falava em suas epístolas, é certamente uma realidade destes tempos. O iníquo já veio e se manifesta por toda parte e tem, certamente, o dom da ubiquidade. Discute nos cafés, faz negociações na ONU, senta-se comodamente em Genebra, realiza experimentos de laboratório, inventa bombas atômicas, foguetes teleguiados, gases asfixiantes, bombas bacteriológicas etc.

O Anticristo fascinado por seu próprio intelectualismo, exclusividade absoluta dos sabichões, crê que conhece todos os fenômenos da natureza. O Anticristo, julgando-se onisciente, engarrafado em toda a podridão de suas teorias, rechaça, de imediato, tudo aquilo que se pareça a Deus ou que se adore.

A auto-suficiência do Anticristo, o orgulho e a soberba que possui são algo insuportável. O Anticristo odeia mortalmente as virtudes cristãs da fé, da paciência e da humildade.

Todo joelho se dobra diante do Anticristo. Obviamente, este inventou aviões supersônicos, navios maravilhosos, flamejantes automóveis, medicamentos surpreendentes etc.

Nestas condições, quem poderia duvidar do Anticristo? Quem se atreva, nestes tempos, a se pronunciar contra todos estes milagres e prodígios do filho da perdição, condena-se a ser alvo da zombaria de seus semelhantes, do sarcasmo, da ironia e a ser qualificado de estúpido e ignorante.

É difícil fazer com que as pessoas sérias e estudiosas entendam isto, elas reagem ou opõem resistência. É claro que o “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é um robô,

programado por intermédio do jardim de infância, curso primário e secundário, universidade etc. Ninguém pode negar que um robô programado funciona de acordo com o programa, de nenhuma maneira poderia funcionar se o tirássemos do programa. O Anticristo elaborou o programa com o qual se programam robôs humanóides destes tempos decadentes.

Fazer estes esclarecimentos, pôr ênfase no que estou dizendo, torna-se espantosamente difícil por estar fora do programa e nenhum robô humanóide poderia admitir coisas que estão fora do programa. É tão grave esta questão e são tão tremendos os condicionamentos da mente que um robô humanóide qualquer, de modo algum, nem remotamente suspeitaria que o programa não servisse, pois ele foi condicionado de acordo com o programa e duvidar do mesmo lhe pareceria uma heresia, algo incongruente e absurdo. Que um robô duvide de seu programa é um despropósito, algo absolutamente impossível, pois sua mesmíssima existência se deve ao programa.

Infelizmente, as coisas não são como pensa o robô humanóide. Existe outra ciência, outra sabedoria inaceitável para os robôs humanóides. Reage o humanóide robô e tem razão em reagir, pois não foi programado para outra ciência, nem para outra cultura, nem para nada diferente do seu sabido programa.

O Anticristo elaborou os programas do robô humanóide. O robô prostra-se, humilde, ante seu amo. Como poderia duvidar da sapiência de seu amo?

A criança nasce inocente e pura. A Essência, expressando-se em cada criatura, é realmente preciosa. Inquestionavelmente, a natureza deposita no cérebro dos recém-nascidos todos esses dados selvagens, naturais, silvestres, cósmicos, espontâneos, indispensáveis para a captura ou apreensão das verdades contidas em qualquer fenômeno natural perceptível para os sentidos.

Isto significa que a criança recém-nascida poderia, por si mesma, descobrir a realidade de cada fenômeno natural. Desgraçadamente, o programa do Anticristo interfere e as maravilhosas qualidades que a natureza depositou no cérebro do recém-nascido são logo destruídas.

O Anticristo proíbe pensar de forma diferente. Toda criatura que nasce, por ordem do Anticristo, deve ser programada. Não há dúvida de que o Anticristo odeia mortalmente aquele precioso sentido do Ser conhecido como "faculdade de percepção instintiva das verdades cósmicas". Ciência pura, distinta de toda a podridão das teorias universitárias que existem por toda parte, é algo inadmissível para os robôs do Anticristo.

Muitas guerras, fomes e doenças o Anticristo propagou em toda a redondeza da Terra e não há dúvida de que as seguirá propagando, antes que chegue a catástrofe final.

Infelizmente, chegou a hora da grande apostasia anunciada por todos os profetas e nenhum ser humano se atreveria a pronunciar-se contra o Anticristo.

CAPÍTULO X

O EU PSICOLÓGICO

Esta questão do "Mim mesmo", o que "Eu sou", isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos auto-explorar para conhecer profundamente.

Existem por toda parte lindas teorias que atraem e fascinam, porém tudo isso de nada serviria se não nos conhecêssemos a nós mesmos.

É fascinante estudar astronomia ou distrair-se um pouco lendo obras sérias, no entanto, chega a ser irônico converter-se em um erudito e não saber nada sobre "Mim mesmo", sobre o "Eu sou", sobre a personalidade humana que possuímos.

Cada qual é livre para pensar o que queira e a razão subjetiva do "animal intelectual", equivocadamente chamado homem, dá para tudo. Tanto pode fazer de uma pulga um cavalo,

como de um cavalo uma pulga. São muitos os intelectuais que vivem jogando com o raciocínio, mas, e daí?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como erva daninha e não apenas não sabem como nem sequer sabem que não sabem. Entenda-se por ignorantes ilustrados os sabichões que pensam que sabem e nem sequer conhecem a “Si mesmo”.

Poderíamos teorizar lindamente sobre o “Eu” da Psicologia, mas não é exatamente isso o que nos interessa neste capítulo. Precisamos conhecer a nós mesmos pela via direta, sem o processo deprimente da opção. De modo algum seria isto possível se não nos auto-observássemos em ação de instante a instante, de momento a momento.

Não se trata de ver-nos através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectual. Ver-nos diretamente tal qual somos é o interessante, só assim poderemos chegar ao conhecimento verdadeiro de nós mesmos.

Ainda que pareça incrível, nós estamos equivocados com respeito a nós mesmos. Muitas coisas que cremos não ter, as temos e muitas que cremos ter, não as temos. Temos formado falsos conceitos sobre nós mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que em realidade não temos e muitas virtudes que possuímos, certamente as ignoramos. Somos pessoas adormecidas, inconscientes e isso é grave. Infelizmente, pensamos o melhor de nós mesmos e nem sequer suspeitamos que estamos adormecidos.

As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para conseguir esse despertar. O pior do caso é que são muitos os que leram as sagradas escrituras e nem sequer entendem que estão adormecidos.

Todo mundo pensa que conhece a “Si mesmo” e nem remotamente suspeita que existe a “doutrina dos muitos”. Realmente, o “Eu” psicológico de cada um é múltiplo, sobrevém sempre como muitos. Com isto queremos dizer que temos muitos “Eus” e não só um, como supõem sempre os ignorantes ilustrados. Negar a “doutrina dos muitos” é fingir-se de bobo para “Si mesmo”, pois, de fato, seria o cúmulo do cúmulo, ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possui. Vou ler um jornal, diz o “Eu” do intelecto. Ao diabo com tal leitura, exclama o “Eu” do movimento, prefiro dar um passeio de bicicleta. Que passeio que nada! Grita um terceiro em discórdia, prefiro comer, tenho fome.

Se pudéssemos nos ver num espelho de corpo inteiro, tal como somos, descobriríamos, por nós mesmos, em forma direta, a doutrina dos muitos.

A personalidade humana é tão somente uma marionete controlada por fios invisíveis. O “Eu” que hoje jura amor eterno pela *Gnosis* é mais tarde substituído por outro “Eu” que nada tem a ver com o juramento, então o sujeito se retira. O “Eu” que hoje jura amor eterno a uma mulher é mais tarde substituído por outro que nada tem a ver com esse juramento, então o sujeito se enamora de outra e o castelo de cartas vai ao chão.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é como uma casa cheia de muita gente. Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos “Eus”. Todos eles brigam entre si e disputam à supremacia. Quando algum deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, sente-se o único, o amo, porém, acaba sendo derrotado.

Considerando as coisas deste ponto de vista, chegamos à conclusão lógica de que o “mamífero intelectual” não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral. Indiscutivelmente, o que a máquina faça ou diga num momento dado depende exclusivamente do tipo de “Eu” que nesses instantes a controla.

Dizem que Jesus de Nazaré tirou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete eus, viva personificação dos sete pecados capitais. É óbvio que cada um destes sete demônios é cabeça de legião. Devemos estabelecer, daí, como corolário, que o Cristo Íntimo pôde expulsar do corpo de Madalena milhares de eus.

Refletindo sobre todas estas coisas, podemos inferir claramente que a única coisa digna que nós possuímos em nosso interior é a ESSÊNCIA. Infelizmente, a mesma encontra-se enfrascada entre todos estes múltiplos eus da Psicologia Revolucionária. É lamentável que a Essência se processe sempre em virtude de seu próprio condicionamento. Indiscutivelmente, a Essência, que é a mesma coisa que a Consciência, dorme profundamente.

CAPÍTULO XI

AS TREVAS

Um dos problemas mais difíceis da nossa época vem a ser certamente o intrincado labirinto das teorias. Indubitavelmente, por estes tempos se multiplicaram exorbitantemente por aqui, ali e acolá, as escolas pseudos esoteristas e pseudos ocultistas. O comércio de almas, de livros e de teorias é pavoroso. Raro é aquele que, entre o emaranhado de tantas idéias contraditórias, consiga em verdade achar o caminho secreto.

O mais grave de tudo isto é a fascinação intelectual. Existe a tendência a nutrir-se estritamente de forma intelectual, com tudo o que chega à mente. Os vagabundos do intelecto já não se contentam com toda essa livraria subjetiva e de tipo geral que abunda nos mercados de livros. Agora, para o cúmulo dos cúmulos, também se “empanturram” e se “indigestam” com o pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato que abundam por toda parte como erva daninha. O resultado de todos estes jargões é a confusão e a desorientação manifesta dos velhacos do intelecto.

Constantemente recebo cartas e livros de toda espécie. Os remetentes, como sempre, interrogando-me sobre esta ou aquela escola, sobre tal ou qual livro. Limito-me a responder o seguinte: deixe essa ociosidade mental, você não tem por que se importar com a vida alheia. Desintegre o “Eu” animal da curiosidade, não se preocupe com as escolas alheias. Torne-se sério, conheça a “Si mesmo”, estude o “Mim mesmo”, observe a “Si mesmo” etc. Realmente, o importante é conhecer-se a “Si mesmo”, profundamente, em todos os níveis da mente.

As trevas são inconsciência, a luz é a Consciência. Devemos permitir que a luz penetre em nossas próprias trevas. Obviamente, a luz tem poder para vencer as trevas.

Desgraçadamente, as pessoas encontram-se auto-encerradas dentro do ambiente fétido e imundo de sua própria mente, adorando seu querido ego. As pessoas não querem dar-se conta de que não são donas de sua própria vida. Certamente, cada pessoa está controlada de o seu interior por muitas outras pessoas. Quero referir-me, de forma enfática, a toda essa multiplicidade de eus que trazemos no nosso interior.

Evidentemente, cada um desses eus põe em nossa mente o que devemos pensar; em nossa boca o que devemos dizer e no coração o que devemos sentir etc. Nestas condições, a personalidade humana não é mais que um robô governado por diferentes pessoas que disputam a supremacia e que aspiram ao supremo controle dos centros capitais da máquina orgânica.

Em nome da verdade, afirmamos solenemente que o pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, ainda que se creia muito equilibrado, vive em um completo desequilíbrio psicológico. O “mamífero intelectual” de modo algum é unilateral. Se o fosse, seria equilibrado.

O “animal intelectual” é, desgraçadamente, multilateral e isso está demonstrado até a saciedade. Como poderia ser equilibrado o humanóide racional? Para que exista equilíbrio perfeito necessita-se da Consciência desperta. Só a luz da Consciência dirigida não desde os ângulos, mas em forma plena, central, sobre nós mesmos, pode acabar com os contrastes, com, a contradição psicológica e estabelecer em nós o verdadeiro equilíbrio interior.

Se dissolvermos todo esse conjunto de eus que trazemos em nosso interior, vem o despertar da Consciência e, como seqüência ou corolário, o equilíbrio verdadeiro de nossa própria psique.

Infelizmente, as pessoas não querem dar-se conta da inconsciência em que vivem, dormem profundamente. Se as pessoas estivessem despertas, cada qual sentiria seus próximos em si mesmo. Se as pessoas estivessem despertas, nossos próximos nos sentiriam em seu interior. Então, obviamente, as guerras não existiriam e a Terra inteira seria, em verdade, um paraíso.

A luz da Consciência, dando-nos verdadeiro equilíbrio psicológico, vem estabelecer cada coisa em seu lugar e o que antes entrava em conflito íntimo conosco, de fato fica em seu lugar adequado. É tal a inconsciência das multidões que nem sequer são capazes de encontrar a relação existente entre luz e Consciência. Inquestionavelmente, luz e Consciência são dois aspectos da mesma coisa, onde há luz, há Consciência. A inconsciência são as trevas e estas últimas existem em nosso interior. Só mediante a auto-observação psicológica permitimos que a luz penetre em nossas próprias trevas. “A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam.”

CAPÍTULO XII

AS TRÊS MENTES

Existem, por toda parte, muitos velhacos do intelecto, sem orientação positiva e envenenada pelo asqueroso ceticismo. Certamente, o veneno repugnante do ceticismo contagiou as mentes humanas de forma alarmante desde o século XVIII. Antes deste século, a famosa ilha Nontrabada, ou Encoberta, situada frente às costas da Espanha, se fazia visível e tangível constantemente. Não há dúvida de que tal ilha se encontra situada dentro da “quarta vertical”. Muitas são as lendas relacionadas com essa ilha misteriosa.

Depois do século XVIII, a citada ilha perdeu-se na eternidade e ninguém sabe nada sobre a mesma. Na época do Rei Artur e dos cavaleiros da Távora Redonda, os *elementais* da natureza manifestavam-se por toda parte, penetrando profundamente dentro de nossa atmosfera física. São muitos os relatos sobre duendes, gênios e fadas que ainda abundam na verde Erim, Irlanda. Infelizmente, todas essas coisas inocentes, toda essa beleza da alma do mundo, já não são percebidas pela humanidade, devido às “sabichonices” dos velhacos do intelecto e ao desenvolvimento desmesurado do “Ego” animal. Hoje em dia, os sabichões riem de todas estas coisas, não as aceitam, ainda que, no fundo, nem remotamente tenham alcançado a felicidade.

Se as pessoas entendessem que temos três mentes, outro galo cantaria e possivelmente até se interessariam mais por estes estudos. Desgraçadamente, os ignorantes ilustrados, metidos nos becos das suas difíceis erudições, nem sequer têm tempo para se ocupar de nossos estudos seriamente. Essas pobres pessoas são auto-suficientes. Acham-se envaidecidas com o vão

intelectualismo. Pensam que vão pelo caminho certo e nem remotamente supõem que se encontram metidas num beco sem saída.

Em nome da verdade devemos dizer que, em síntese, temos três mentes. A primeira, podemos e devemos chamá-la de mente sensorial. A segunda, batizaremos com o nome de mente intermediária. A terceira chamaremos de mente interior.

Vamos agora estudar cada uma destas três mentes por separado e de forma criteriosa.

Indiscutivelmente, a mente sensorial elabora seus conceitos de conteúdo mediante as percepções sensoriais externas. Nestas condições, a mente sensorial é terrivelmente grosseira e materialista e não pode aceitar nada que não tenha sido demonstrado fisicamente. Como os conceitos de conteúdo da mente sensorial têm por fundamento os dados sensoriais externos, é óbvio que esta nada pode saber sobre o Real, sobre a Verdade, sobre os mistérios da vida e da morte, sobre a Alma e o Espírito etc.

Para os velhacos do intelecto, aprisionados totalmente pelos sentidos externos e engarrafados nos conceitos do conteúdo da mente sensorial, nossos estudos esotéricos parecem loucura. Dentro da razão dos sem razão, no mundo do desarrazoado, eles têm razão, devido a que estão condicionados pelo mundo sensorial externo. Como poderia a mente sensorial aceitar algo que não seja sensorial? Se os dados dos sentidos servem de mola secreta para todos os processos de funcionamento da mente sensorial, é óbvio que só podem originar conceitos sensoriais.

A mente intermediária é diferente, embora também nada saiba de forma direta sobre o Real. Limita-se a crer e isso é tudo. Na mente intermediária estão as crenças religiosas, os dogmas inquebrantáveis etc.

Mente interior é fundamental para a experiência direta da verdade. Indubitavelmente, a mente interior elabora os seus conceitos de conteúdo com os dados proporcionados pela Consciência Superlativa do Ser. Inquestionavelmente, a Consciência pode vivenciar e experimentar o Real. Não há dúvida de que a Consciência sabe da verdade. Contudo, para sua manifestação, a Consciência necessita de um mediador, de um instrumento de ação e este é a mente interior.

A Consciência conhece diretamente a realidade de cada fenômeno natural e pode manifestá-la mediante a mente interior. A fim de sair do mundo das dúvidas e da ignorância, o indicado seria abrir a mente interior. Isto significa que só abrindo a mente interior nasce no ser humano a fé autêntica.

Olhando esta questão por outro ângulo, diremos que o ceticismo materialista é a característica peculiar da ignorância. Não há dúvida de que os ignorantes ilustrados são cem por cento céticos. A fé é percepção direta do real, sabedoria fundamental, vivência disso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente.

Distinga-se entre fé e crença. As crenças encontram-se depositadas na mente intermediária, a fé é característica da mente interior.

Infelizmente, existe sempre a tendência geral de confundir a crença com a fé. Ainda que pareça paradoxal enfatizaremos o seguinte: “Aquele que tem fé verdadeira não necessita crer”.

É que a fé autêntica é sapiência vivida, cognição exata, experiência direta. Sucede que durante muitos séculos confundiu-se a fé com a crença e agora custa muito trabalho fazer com que as pessoas compreendam que a fé é sabedoria verdadeira e nunca vãs crenças.

A atividade sapiente da mente interior tem como recursos íntimos, todos esses dados formidáveis da sabedoria contida na Consciência. Quem abriu a mente interior recorda suas vidas anteriores, conhece os mistérios da vida e da morte, não pelo que tenha lido ou deixado de ler, não pelo que alguém haja dito ou deixado de dizer; não pelo que tenha acreditado ou deixado de acreditar, mas pela experiência direta, vivida, terrivelmente real.

Isto que estamos dizendo não é do gosto da mente sensorial, porque sai dos seus domínios; nada tem a ver com as percepções sensoriais externas, é algo alheio aos seus conceitos de conteúdo, ao que lhe ensinaram na escola, ao que aprendeu em distintos livros etc.

Isto que estamos dizendo tampouco é aceito pela mente intermediária, porque de fato contraria as suas crenças, desvirtua o que os seus preceptores religiosos lhe fizeram aprender de memória etc.

Jesus, o Grande *Kabir*, adverte os seus discípulos dizendo-lhes: “Cuidai-vos da levedura dos saduceus e da levedura dos fariseus”.

É evidente que Jesus, o Cristo, com esta advertência, referiu-se às doutrinas dos materialistas saduceus e dos hipócritas fariseus. A doutrina dos saduceus está na mente sensorial, é a doutrina dos cinco sentidos.

A doutrina dos fariseus encontra-se situada na mente intermediária, isto é irrefutável e irrefutável.

É evidente que os fariseus comparecem aos seus ritos para que os outros os vejam, para que se diga que são boas pessoas, para manter as aparências, mas nunca trabalham sobre “Si mesmo”.

Não seria possível abrir a mente interior, se não aprendêssemos a pensar psicologicamente.

Inquestionavelmente, quando alguém começa a observar a “Mim mesmo” é sinal de que começou a pensar psicologicamente. Enquanto não admitirmos a realidade da nossa própria Psicologia e a possibilidade de transformá-la fundamentalmente, indubitavelmente, não sentiremos a necessidade de fazermos a auto-observação psicológica.

Quando alguém aceita a Doutrina dos Muitos e compreende a necessidade de eliminar os diversos “Eus” que carrega em sua psique com o propósito de liberar a Consciência, a Essência, indubitavelmente inicia, de fato e por direito próprio, a auto-observação psicológica.

Obviamente, a eliminação dos elementos indesejáveis que trazemos em nossa psique origina a abertura da mente interior.

Tudo isto significa que a citada abertura é algo que se realiza de forma gradativa, à medida que vamos aniquilando os elementos indesejáveis que temos em nossa psique.

Quem tenha eliminado cem por cento dos elementos indesejáveis do seu interior, obviamente também terá aberto a sua mente interior em cem por cento. Uma pessoa assim possuirá a fé absoluta. Agora vocês compreenderão as palavras do Cristo, quando disse: “Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda, moveríeis montanhas”.

CAPÍTULO XIII

A MEMÓRIA-TRABALHO

Inquestionavelmente, cada pessoa tem sua própria Psicologia particular, isto é irrefutável, incontrovertível, irrefutável. Desafortunadamente, as pessoas nunca pensam nisto e muitos nem o aceitam, porque se acham aprisionados na mente sensorial.

Qualquer um admite a realidade do corpo físico porque pode vê-lo e apalpá-lo, porém a Psicologia é questão distinta, não é perceptível para os cinco sentidos e, por isso, a tendência geral é rechaçá-la ou, simplesmente, subestimá-la e depreciá-la, qualificando-a de algo sem importância. Indubitavelmente, quando alguém começa a se auto-observar é sinal inequívoco de que aceitou a tremenda realidade da sua própria Psicologia. É claro que ninguém tentaria auto-observar-se se não encontrasse antes um motivo fundamental.

Obviamente, quem inicia a auto-observação converte-se num sujeito muito diferente dos demais e, de fato, indica a possibilidade de uma mudança.

Desafortunadamente, as pessoas não querem mudar; contentam-se com o estado em que vivem. Causa dor ver como as pessoas nascem, crescem, reproduzem-se como bestas, sofrem o indizível e morrem sem saber por que razão. Mudar é algo fundamental; porém, isto é impossível se não se inicia a auto-observação psicológica. É necessário começar a ver-se o “Mim mesmo” com o propósito de se autoconhecer, pois, na verdade, o humanóide racional não se conhece a “Si mesmo”.

Quando descobrimos um defeito psicológico de fato damos um grande passo, porque isto nos permitirá estudá-lo e até eliminá-lo radicalmente. Em verdade, nossos defeitos psicológicos são inumeráveis. Ainda que tivéssemos mil línguas para falar, não conseguiríamos enumerá-los totalmente.

O mais grave de tudo isto é que não sabemos medir o espantoso realismo de qualquer defeito. Sempre o vemos de forma vã, sem pôr-lhe a devida atenção, como algo sem importância.

Quando aceitamos a doutrina dos muitos e entendemos o cru realismo dos sete demônios que Jesus, o Cristo, tirou do corpo de Maria Madalena, ostensivelmente, nosso modo de pensar, com respeito aos defeitos psicológicos, sofre uma mudança fundamental.

Não é demais afirmar, de forma enfática, que a doutrina dos muitos é de origem tibetana e gnóstica em cem por cento. Na verdade, não é nada agradável saber que dentro de nossa pessoa vivem centenas e milhares de pessoas psicológicas. Cada defeito psicológico é uma pessoa diferente, existindo dentro de nós mesmos aqui e agora. Os sete demônios que o Grande Mestre Jesus, o Cristo, expulsou do corpo de Maria Madalena, são os sete pecados capitais: ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça e gula. Naturalmente, cada um destes demônios, em separado, é cabeça de legião. No velho Egito dos Faraós, o iniciado deveria eliminar, de sua natureza interior, os demônios vermelhos de Seth, se é que quisesse lograr o Despertar da Consciência.

Visto o realismo dos defeitos psicológicos, o aspirante deseja mudar, não quer continuar no estado em que vive, com tanta gente metida dentro de sua psique e, então, inicia a auto-observação.

À medida que nós progredimos no trabalho interior, podemos verificar, por nós mesmos, um ordenamento muito interessante no sistema de eliminação. Assombramo-nos quando descobrimos ordem no trabalho relacionado com a eliminação dos múltiplos agregados psíquicos que personificam os nossos erros.

O interessante de tudo isto é que tal ordem, na eliminação de defeitos, se realiza de forma gradativa e se processa de acordo com a Dialética da Consciência. Nunca, jamais, poderia a dialética raciocinativa superar o formidável labor da Dialética da Consciência. Os fatos nos vão demonstrando que o ordenamento psicológico, no trabalho da eliminação dos defeitos, é estabelecido por nosso próprio Ser interior profundo.

Devemos esclarecer que existe uma diferença radical entre o "Ego" e o Ser. O "Eu" jamais poderia estabelecer ordem em questões psicológicas, pois ele, em "Mim mesmo", é o resultado da desordem. Só o Ser tem o poder para estabelecer a ordem em nossa psique. O Ser é o Ser. A razão de Ser do Ser é o mesmo Ser.

O ordenamento no trabalho de auto-observação, julgamento e eliminação de nossos agregados psíquicos, vai sendo evidenciado pelo sentido judicioso da auto-observação psicológica. Em todos os seres humanos acha-se o sentido da auto-observação psicológica em estado latente, mas, se desenvolve, de forma gradativa, à medida que o vamos usando. Tal sentido nos permite perceber, diretamente, e não mediante simples associações intelectuais, os diversos "Eus" que vivem dentro de nossa psique.

Esta questão das percepções extra-sensoriais começa a ser estudada no terreno da parapsicologia e, de fato, foi demonstrada em múltiplos experimentos que se tem realizado, judiciosamente, através do tempo e sobre os quais existe muita documentação.

Aqueles que negam a realidade das percepções extra-sensoriais são ignorantes em cem por cento, são velhacos do intelecto engarrafados na mente sensual. No entanto, o sentido da auto-observação psicológica é algo mais profundo, vai muito além dos simples enunciados parapsicológicos. Ele nos permite a auto-observação íntima e a plena verificação do tremendo realismo subjetivo de nossos diversos agregados.

O ordenamento sucessivo das diversas partes do trabalho relacionadas com o tema tão grave da eliminação dos agregados psicológicos permite-nos inferir uma "memória-trabalho" muito interessante e até muito útil na questão do desenvolvimento interior.

Esta "memória-trabalho" se bem que é certo que nos pode dar diferentes fotografias psicológicas das diversas etapas da vida passada, juntadas na sua totalidade, trariam à nossa imaginação uma estampa viva e até repugnante do que fomos antes de iniciar o trabalho psicotransformista radical. Não há dúvida de que jamais desejaríamos regressar a essa horrorosa figura, viva representação do que fomos.

Deste ponto de vista, tal fotografia psicológica resultaria útil como meio de confrontação entre o presente transformado e um passado regressivo, rançoso, torpe e desgraçado. A "memória-trabalho" escreve-se sempre à base de sucessivos eventos psicológicos registrados pelo centro de auto-observação psicológica.

Existem, em nossa psique, elementos indesejáveis que nem remotamente suspeitamos. Que um homem honrado, incapaz jamais de tomar nada alheio, honorável e digno de toda honra,

descubra, de forma insólita, uma série de “Eus” ladrões habitando nas zonas mais profundas de sua própria psique é algo espantoso, mas não impossível. Que uma magnífica esposa, cheia de grandes virtudes, ou uma donzela de grande espiritualidade e educação magnífica, mediante o sentido da auto-observação psicológica descubra, de forma inusitada, que em sua psique íntima vive um grupo de “Eus” prostitutas, resulta repugnante e até inaceitável para o centro intelectual ou o sentido moral de qualquer cidadão. Mas tudo isso é possível dentro do terreno da auto-observação psicológica.

CAPÍTULO XIV

A COMPREENSÃO CRIADORA

O Ser e o Saber devem se equilibrar, mutuamente, a fim de estabelecer em nossa psique a labareda da compreensão. Quando o saber é maior do que o ser origina confusão intelectual de toda espécie. Se o ser é maior que o saber, pode dar casos tão graves como o do Santo estúpido.

No terreno da vida prática convém nos auto-observar com o propósito de nos autodescobrirmos, pois é precisamente a vida prática o ginásio psicológico mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta-percepção, alerta-novidade, verificaremos diretamente, que os defeitos escondidos afloram espontaneamente. É claro que o defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente, com o propósito de separá-lo da nossa psique.

Antes de tudo, não devemos identificar-nos com nenhum Eu-defeito, se é que, em realidade, desejamos eliminá-lo. Se, parados sobre uma tábua, desejamos levantar esta para colocá-la encostada em uma parede, isto não seria possível se continuássemos parados sobre ela. Obviamente, devemos começar por separar a tábua de nós mesmos, retirando-nos da mesma e, logo, com nossas mãos, levantar a tábua e colocá-la encostada ao muro. Similarmente, não devemos identificar-nos com nenhum agregado psíquico, se é que, na verdade, desejamos separá-lo de nossa psique.

Quando nos identificamos com tal ou qual “Eu” de fato, o fortificamos, em vez de desintegrá-lo.

Suponhamos que um “Eu” qualquer de luxúria se apossa dos rolos que temos no centro intelectual para projetar, na tela da mente, cenas de lascívia e voluptuosidade sexual. Se nos identificamos com tais quadros passionais, indubitavelmente, aquele “Eu” luxurioso se fortalecerá tremendamente. Mas, se nós, ao invés de nos identificar com essa entidade, a separamos de nossa psique, considerando-a como um demônio intruso, obviamente haverá surgido, em nossa intimidade, a compreensão criadora.

Posteriormente, poderíamos dar-nos ao luxo de julgar, analiticamente, a tal agregado com o propósito de fazer-nos plenamente conscientes do mesmo.

O grave erro das pessoas consiste, precisamente, na identificação e isto é lamentável. Se as pessoas conhecessem a doutrina dos muitos; se, de verdade, entendessem que nem sua própria vida lhes pertence, então, não cometeriam o erro da identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes etc., no terreno da vida prática, resultam úteis, quando nos encontramos em constante auto-observação psicológica. Então, comprovamos que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Inquestionavelmente, múltiplos eus intervêm como intrusos de mau agouro para colocar, em nossa mente, pensamentos, em nosso coração, emoções, em nosso centro motor, ações de qualquer natureza. É lamentável que não sejamos donos de nós mesmos, que diversas entidades psicológicas façam de nós o que querem.

Desafortunadamente, nem remotamente suspeitamos o que nos sucede e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis. O pior de tudo isto é que, em vez de lutar para nos libertar de todas estas entidades secretas, cometemos o erro de fortalecê-las e isto acontece quando nos identificamos com elas.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer briga banal entre cônjuges deve-se, indubitavelmente, a tal ou qual “Eu” e isto é algo que jamais devemos ignorar. A vida prática é o espelho psicológico onde podemos ver-nos, a nós mesmos, tal qual somos. Mas, antes de tudo, devemos compreender a necessidade de ver-nos a nós mesmos e a necessidade de mudar, radicalmente, só assim teremos gana de nos observar realmente.

Quem se contenta com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, não sentirá nunca o desejo de ver-se a “Si mesmo”, querer-se-á demasiado e, de modo algum, estará disposto a revisar sua conduta e o seu modo de ser.

De forma clara, diremos que em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática intervêm vários eus que é necessário compreender. Em qualquer cena de ciúmes passionais, entram em jogo eus de luxúria, ira, amor próprio, ciúmes etc., que, posteriormente, deverão ser julgados, analiticamente, cada um em separado, a fim de compreendê-los, integralmente, com o evidente propósito de desintegrá-los totalmente.

A compreensão resulta muito elástica, por isto, necessitamos nela penetrar cada vez mais profundamente. O que hoje compreendemos de um modo, amanhã o compreendemos melhor. Olhando as coisas deste ângulo, podemos verificar, por nós mesmos, quão úteis são as diversas circunstâncias da vida, quando, em verdade, as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum, trataríamos jamais de afirmar que dramas, comédias e tragédias da vida prática resultam sempre formosos e perfeitos, tal afirmação seria descabida. No entanto, por absurdas que sejam as diversas situações da existência, tornam-se maravilhosas como ginásios psicológicos.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos que constituem o “Mim mesmo”, resulta espantosamente difícil. Entre as cadências do verso, também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos, se esconde o delito. O delito, às vezes, torna-se tão refinado que se confunde com a santidade e tão cruel que chega a parecer com a doçura. O delito veste-se com a toga do juiz, com a túnica do mestre, com a roupagem do mendigo, com o traje do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental, mas, no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte. Resulta urgente, inadiável, fazer-nos conscientes de cada “Eu” para separá-lo da nossa psique, mas isso não é tudo, falta algo mais.

CAPÍTULO XV

A KUNDALINI

Chegamos a um ponto muito espinhoso. Quero me referir a esta questão da *Kundalini*, a Serpente Ígnea dos Nossos Mágicos Poderes, citada em muitos textos da sabedoria oriental.

Indubitavelmente, sobre a *Kundalini* há muita documentação e é algo que bem vale a pena investigar.

Nos textos de alquimia medieval, a *Kundalini* é o sinal astral do esperma sagrado, *Stella Maris*, a Virgem do Mar, que guia, sabiamente, os trabalhadores da Grande Obra.

Entre os Astecas, ela é *Tonantzin*; entre os Gregos, a casta Diana e, no Egito, é Ísis, a Mãe Divina a quem nenhum mortal levantou o véu.

Não há dúvida alguma de que o Cristianismo Esotérico jamais deixou de adorar a Divina Mãe *Kundalini*, obviamente, ela é Marah ou, melhor dizendo, RAM-IO, Maria. No entanto, o que não especificaram as religiões ortodoxas, pelo menos no que corresponde ao círculo exotérico ou público, é o aspecto de Ísis em sua forma individual, humana. Ostensivamente, só em segredo se ensinou aos Iniciados que essa Divina Mãe existe, individualmente, dentro de cada ser humano.

Não é demais esclarecer, de forma enfática, que Deus-Mãe, Rea, Cibebes, Adônia, ou como queiramos chamá-la, é uma variante de nosso próprio Ser individual aqui e agora.

Concretizando, diremos que cada um de nós tem sua própria Mãe Divina particular, individual. Há tantas Mães no Céu quantas criaturas existem sobre a face Terra.

A *Kundalini* é a energia misteriosa que faz existir, no mundo, um aspecto de *Brahama*. Em seu aspecto psicológico, manifesto na anatomia oculta do ser humano, a *Kundalini* encontra-se enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético, localizado no osso coccígeo. Ali descansa, intumescida, como qualquer serpente, a Divina Princesa. No centro daquele chacra, ou estância, existe um triângulo feminino, ou *yoni*, onde está estabelecido um *lingam* masculino. Neste *lingam* atômico ou mágico que representa o poder criador sexual de *Brahama*, enrosca-se a sublime serpente *Kundalini*.

A Rainha Ígnea, em sua figura de serpente, desperta com o *secretum secretorum* de certo artifício alquimista que ensinei claramente, em minha obra "O Mistério do Áureo Florescer".

Inquestionavelmente, quando esta Divina Força desperta, ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal para desenvolver em nós os poderes que divinizam.

Em seu aspecto transcendental, divinal, sublime, a Serpente Sagrada transcendendo ao meramente fisiológico, anatômico, em seu estado étnico é, como já disse, nosso próprio Ser, porém derivado.

Não é meu propósito ensinar, neste tratado, a técnica para o despertar da Serpente Sagrada. Só quero pôr certa ênfase no cru realismo do "Ego" e à urgência interior relacionada com a dissolução dos seus diversos elementos inumanos.

A mente, por si mesma, não pode alterar, radicalmente, nenhum defeito psicológico. A mente pode rotular qualquer defeito, passá-lo de um nível ao outro, escondê-lo de si mesma ou dos demais, desculpá-lo etc., mas nunca eliminá-lo absolutamente.

Compreensão é uma parte fundamenta, porém, não é tudo, necessita-se eliminar. Todo defeito observado deve ser analisado e compreendido, de forma integral, antes de se proceder a sua eliminação.

Necessitamos de um poder superior à mente, de um poder capaz de desintegrar atomicamente qualquer eu-defeito que previamente tenhamos descoberto e julgado de modo profundo.

Afortunadamente, tal poder subjaz profundamente mais além do corpo, dos afetos e da mente, ainda que tenha seus expoentes em parágrafos anteriores do presente capítulo.

Depois de termos compreendido integralmente qualquer eu-defeito, devemos submergir-nos em profunda meditação, suplicando, pedindo a nossa Divina Mãe particular, individual, que desintegre o eu-defeito previamente compreendido.

Esta é a técnica precisa que se requer para eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior.

A Divina Mãe *Kundalini* tem poder para reduzir a cinzas qualquer agregado psíquico subjetivo, inumano.

Sem esta didática, sem esse procedimento, todo esforço para a dissolução do Ego resulta infrutífero, inútil, absurdo.

CAPÍTULO XVI

NORMAS INTELECTUAIS

No terreno da vida prática, cada pessoa tem seu critério, sua forma mais ou menos rançosa de pensar e nunca se abre ao novo, isso é irrefutável, irrefutável, incontrovertível. A mente do humanoíde intelectual está degenerada, deteriorada, em franco estado de involução.

Realmente, o entendimento da humanidade atual é similar a uma velha estrutura mecânica inerte e absurda, incapaz, por si mesma, de qualquer fenômeno de elasticidade autêntica. Falta ductibilidade à mente, que se encontra enfrascada em múltiplas normas rígidas e extemporâneas. Cada qual tem seu critério e determinadas normas rígidas dentro das quais age e reage incessantemente. O mais grave de toda a questão é que os milhões de critérios equivalem a milhões de normas putrefatas e absurdas.

Em todo caso, as pessoas nunca se sentem equivocadas. Cada cabeça é um mundo e, não há dúvida, que entre tantos recôncavos mentais, existem muitos sofismas de distração e estupidez insuportáveis. Mas o critério estreito das multidões nem remotamente suspeita do embotelamento intelectual em que se encontra.

Estas pessoas modernas, com cérebro de barata, pensam de si mesmas o melhor, presumem-se liberais, supergênios, crêem que têm critério muito amplo. Os ignorantes ilustrados resultam ser os mais difíceis, pois, em realidade, falando desta vez em estilo socrático, diremos: "Não somente não sabem como também ignoram que não sabem."

Os velhacos do intelecto, aferrados a essas normas antiquadas do passado, processam-se violentamente em virtude de seu próprio embotelamento e negam-se, de forma enfática, a aceitar algo que, de modo algum, possa se encaixar dentro das suas normas de aço.

Pensam os sabichões ilustrados que tudo aquilo que, por uma ou outra causa, saia do caminho rígido dos seus procedimentos oxidados é absurdo em cem por cento. Assim, deste modo, estas pobres pessoas de critério tão difícil se auto-enganam miseravelmente. Presumem-se geniais os pseudos sapientes desta época, vêem, com desdém, àqueles que têm o valor de se afastar das suas normas carcomidas pelo tempo. O pior de tudo isto é que nem remotamente suspeitam da crua realidade da sua própria torpeza.

A mesquinhez intelectual das mentes rançosas é tal que até se dá ao luxo de exigir demonstrações sobre isso que é o real, sobre isso que não é da mente. Não querem entender as pessoas de entendimento raquítico e intolerante que a experiência do real só advém com a ausência do “Ego”. Inquestionavelmente, de modo algum, seria possível reconhecer, diretamente, os mistérios da vida e da morte, enquanto não se tenha aberto, dentro de nós mesmos, a mente interior.

Não é demais repetir, neste capítulo, que só a Consciência Superlativa do Ser pode conhecer a verdade. A mente interior só pode funcionar com os dados que aportam à Consciência Cósmica do Ser. O intelecto subjetivo, com sua dialética raciocinativa, nada pode saber sobre isso que escapa da sua jurisdição.

Já sabemos que os conceitos de conteúdo da dialética raciocinativa, elaboram-se com os dados fornecidos pelos sentidos de percepção externa. Aqueles que se encontram embotelhados dentro dos seus procedimentos intelectuais e normas fixas, apresentam sempre resistência a estas idéias revolucionárias.

Só dissolvendo o “Ego”, de forma radical e definitiva, é possível despertar a Consciência e abrir, realmente, a mente interior.

No entanto, como estas declarações revolucionárias não cabem dentro da lógica formal, nem, tampouco, dentro da lógica dialética, as reações subjetivas das mentes involucionárias opõem uma resistência violenta. Querem essas pobres pessoas do intelecto meter o oceano dentro de um vaso de cristal; supõem que a universidade pode controlar toda a sabedoria do universo e que todas as leis do cosmos estão obrigadas a se submeter às suas velhas normas acadêmicas. Nem remotamente suspeitam estes incultos modelos de sabedoria o estado degenerativo em que se encontram.

Às vezes se destacam tais pessoas, por um momento, quando vêm ao mundo esoterista, mas, logo se apagam como fogos fátuos, desaparecem do panorama das inquietudes espirituais. Traga-os o intelecto e desaparecem de cena para sempre.

A superficialidade do intelecto nunca pode penetrar nas profundezas legítimas do Ser, porém, os processos subjetivos do racionalismo podem levar os néscios a qualquer classe de conclusões muito brilhantes, porém absurdas, visto que o poder formulativo de conceitos lógicos, de modo algum, implica na experiência autêntica do real.

O jogo convincente da dialética raciocinativa fascina o próprio raciocinador, fazendo-o confundir sempre gato com lebre. A brilhante procissão de idéias ofusca ao velhaco do intelecto e lhe dá certa auto-suficiência absurda ao ponto de rechaçar a tudo isso que não cheira a pó de biblioteca e tinta de universidade.

O *delirium tremens* dos bêbados alcoólicos tem sintomas inconfundíveis, porém o dos ébrios das teorias confunde-se, facilmente, com a genialidade.

Ao chegar a esta parte do nosso capítulo, diremos que, certamente, resulta muito difícil saber onde termina o intelectualismo dos velhacos e onde começa a loucura.

Enquanto continuemos embotelhados dentro das normas apodrecidas e rançosas do intelecto, será algo mais que impossível a experiência disso que não é da mente, disso que não é do tempo, disso que é o Real.

CAPÍTULO XVII

O BISTURI DA CONSCIÊNCIA

Alguns psicólogos simbolizam a consciência como um bisturi, capaz de nos separar do que está grudado a nós e que nos extrai a força. Crêem tais psicólogos que a única maneira de escapar ao poder de tal ou qual “Eu” é observá-lo, cada vez com mais claridade, com o propósito de compreendê-lo para que nos tornemos conscientes do mesmo. Pensam essas

peças que assim nos separamos, eventualmente, deste ou daquele “Eu” ainda que seja pela espessura do fio de uma navalha.

Desta maneira, dizem, o “Eu” separado pela Consciência, parece como uma planta cortada. Fazer-se consciente de qualquer “Eu” segundo eles, significa separá-lo de nossa psique e condená-lo à morte.

Inquestionavelmente, tal conceito, aparentemente muito convincente, falha na prática.

O “Eu” que mediante o bisturi da Consciência, foi cortado de nossa personalidade, expulso de casa como ovelha negra, continua no espaço psicológico e se converte em um demônio tentador; insiste em regressar a casa, não se resigna tão facilmente, de nenhuma maneira quer comer o pão amargo do desterro e busca uma oportunidade para, ao menor descuido da vigilância, acomodar-se novamente dentro da nossa psique.

O mais grave é que dentro do “Eu” desterrado encontra-se sempre engarrafada certa porcentagem de Essência, de Consciência.

Todos esses psicólogos que assim pensam, jamais têm logrado dissolver nenhum dos seus eus. Em realidade têm fracassado. Por mais que se tente evadir dessa questão da *Kundalini*, o problema é muito grave.

Na realidade, o “filho ingrato” não progride, jamais, no trabalho esotérico sobre o “Si mesmo”.

Obviamente, “filho ingrato” é todo aquele que despreza Ísis, nossa Divina Mãe Cósmica particular, individual.

Ísis é uma das partes autônomas de nosso próprio Ser, porém derivada, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, a *Kundalini*.

Ostensivelmente, só Ísis tem poder absoluto para desintegrar qualquer “Eu” e isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

Kundalini é uma palavra composta. *Kunda* nos recorda o abominável órgão *Kundartiguador*. *Lini* é um termo atlante que dignifica fim.

A palavra *Kundalini* significa: fim do órgão *Kundartiguador*. É, pois, urgente não confundir a *Kundalini* com o *Kundartiguador*.

Já dissemos em um capítulo passado que a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes encontra-se enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético radicado no osso cóccigeo, na base da espinha dorsal.

Quando a serpente sobe, é a *Kundalini*; quando baixa, é o abominável órgão *Kundartiguador*.

Mediante o “tantrismo branco”, a serpente ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal, despertando os poderes que divinizam.

Mediante o “tantrismo negro”, a serpente se precipita desde o cóccix até os infernos atômicos do homem. Assim é como muitos se convertem em demônios terrivelmente perversos.

Aqueles que cometem o erro de atribuir à serpente ascendente todas as características negativas e tenebrosas da serpente descendente, fracassam definitivamente no trabalho sobre o “Mim mesmo”.

As más conseqüências do abominável órgão *Kundartiguador* só podem ser aniquiladas por intermédio da *Kundalini*.

Não é demais esclarecer que tais conseqüências negativas e tenebrosas estão cristalizadas no “Eu” pluralizado da Psicologia Revolucionária.

O poder hipnótico da serpente descendente mantém a humanidade submersa na inconsciência.

Somente a serpente ascendente, em oposição, pode despertar-nos. Esta verdade é um axioma da Sabedoria Hermética. Agora, compreendemos melhor a profunda significação da palavra sagrada *Kundalini*.

A vontade consciente está sempre representada pela mulher sagrada, Maria, Ísis, que esmaga a cabeça da serpente descendente.

Declaro, aqui, francamente e sem rodeios, que a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da Terra, têm sido simbolizados pela serpente com cabeça de touro, de bode ou de cachorro, nos antigos mistérios.

É a dupla serpente do caduceu de Mercúrio; é a serpente tentadora do Éden. Porém, é também, sem a menor dúvida, a serpente de cobre de Moisés, entrelaçada no “Tau”, isto é, no “Lingam Gerador”.

É o “bode” do Sabá e o *Baphomet* dos templários gnósticos. O *Hyle* do Gnosticismo Universal; a dupla cauda de serpente que forma as patas do galo solar dos *Abraxas*.

No “Lingam Negro”, embutido no “Yoni” metálico, símbolos do Deus Shiva, a divindade hindu, está a chave secreta para despertar e desenvolver a serpente ascendente ou *Kundalini*, sob a condição de não derramar, jamais na vida, o “vaso de Hermes Trismegisto”, o Três Vezes Grande Deus Íbis de *Thot*.

Temos falado nas entrelinhas para os que saibam entender. Quem tenha entendimento que compreenda, porque aqui há sabedoria.

Os tântricos negros são diferentes. Eles despertam e desenvolvem o abominável órgão *Kundartiguador*, a serpente tentadora do Éden, quando cometem, em seus ritos, o crime imperdoável de derramar o “vinho sagrado”.

CAPÍTULO XVIII

O PAÍS PSICOLÓGICO

Inegavelmente, assim como existe o país exterior no qual vivemos, também, em nossa intimidade, existe o país psicológico.

As pessoas não ignoram jamais a cidade ou a região onde vivem, mas, desafortunadamente, sucede que desconhecem o lugar psicológico onde se encontram localizadas.

Em dado instante, qualquer um sabe em que bairro ou colônia se encontra, mas, no terreno psicológico, não sucede o mesmo. Normalmente, as pessoas nem remotamente suspeitam, em dado momento, o lugar do seu país psicológico onde se meteram.

Assim, como no mundo físico existem colônias de pessoas decentes e cultas, assim também sucede na comarca psicológica de cada um de nós. Não há dúvida de que existem colônias muito elegantes e formosas. Assim como no mundo físico há colônias e bairros com becos perigosíssimos, cheios de assaltantes, assim também sucede o mesmo na comarca psicológica do nosso interior. Tudo depende da classe de pessoas que nos acompanham. Se tivermos amigos bêbados, iremos parar na cantina e se estes últimos são boêmios, indubitavelmente, nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro do nosso país psicológico cada qual tem seus acompanhantes, seus eus que nos levarão onde nos devem levar de acordo com as nossas características psicológicas.

Assim, uma dama virtuosa e honorável, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo em formosa mansão no mundo físico, devido aos seus eus luxuriosos, poderia estar localizada em antros de prostituição dentro do seu país psicológico. Da mesma forma, um cavalheiro honorável, de honra intocável, magnífico cidadão, poderia, dentro da sua comarca psicológica, encontrar-se localizado numa cova de ladrões, devido aos seus péssimos acompanhantes, eus do roubo, muito submergidos dentro do inconsciente. Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge azul, vivendo austero dentro de sua cela, em algum monastério, poderia, psicologicamente, encontrar-se localizado em uma colônia de assassinos, pistoleiros, assaltantes, drogados, devido, precisamente, a eus infraconscientes ou inconscientes, submersos, profundamente, dentro das cavidades mais difíceis da sua psique.

Por alguma razão nos disseram que há muita virtude nos malvados e que há muita maldade nos virtuosos. Muitos santos canonizados, contudo, ainda vivem dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isto que estamos afirmando, de forma enfática, poderia escandalizar aos falsos beatos, pietistas, ignorantes ilustrados, modelos de sabedoria, porém, jamais aos verdadeiros psicólogos.

Ainda que pareça incrível, entre o incenso da oração, também se esconde o delito; entre as cadências do verso, também se esconde o delito; sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos o delito se reveste com a túnica da santidade e da palavra sublime. Nos fundos mais profundos dos santos mais veneráveis, vivem eles do prostíbulo, do roubo, do homicídio etc. São acompanhantes infra-humanos escondidos entre as insondáveis profundezas do inconsciente.

Muito sofreram por tal motivo os diversos santos da história. Recordemos as tentações de Santo Agostinho e todas aquelas abominações contra as quais teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

No entanto, nem tudo foi dito por estes santos, e a maior parte dos anacoretas se calou. Assombra pensar que alguns anacoretas penitentes e santíssimos vivem nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo. Contudo, são santos e se, todavia, não descobrirem essas coisas espantosas da sua psique, quando as descobrirem, usarão silícios sobre suas carnes e jejuarão; possivelmente se açoitirão e rogarão à sua Divina Mãe *Kundalini* para que eliminem de sua psique esses maus acompanhantes que os têm metido nestes antros tenebrosos de seu próprio país psicológico.

Muito têm falado as diferentes religiões sobre a vida depois da morte e o mais além. Que não se desgastem mais os cérebros das pobres pessoas sobre o que existe lá do outro lado, mais além do sepulcro.

Inquestionavelmente, depois da morte cada qual continua vivendo na colônia psicológica de sempre. O ladrão nos antros dos ladrões continuará; os luxuriosos nas casas de encontro, prosseguirá como fantasma de mau agouro; o iracundo, o furioso, seguirá vivendo nos becos perigosos do vício e da ira, ali onde também brilha o punhal e soam os tiros das pistolas.

A Essência, em si mesma, é muito formosa, veio de cima, das estrelas e, desgraçadamente, está metida dentro de todos esses eus que levamos dentro. Por oposição, a Essência pode retroceder no caminho, regressar ao ponto de partida original, voltar às estrelas, mas, primeiro, deve se libertar dos seus maus acompanhantes que a mantêm metida nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, insignes mestres cristificados, descobriram dentro de seu interior os eus da perdição, sofreram o indizível e não há dúvida de que, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, lograram reduzir a poeira cósmica todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam. Incontestavelmente, esses santos se cristificaram e regressaram ao ponto de partida original, depois de haverem sofrido muito.

Antes de tudo, é necessário, é urgente, inadiável que o centro magnético que, em forma anormal temos estabelecido em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência. Assim poderá o homem completo iniciar sua viagem da personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática, progressiva, de grau em grau, pela montanha do Ser.

Enquanto continue o centro magnético estabelecido em nossa personalidade ilusória, viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis, ainda que, na vida prática, sejamos magníficos cidadãos.

Cada um tem um centro magnético que o caracteriza: o comerciante tem o centro magnético do comércio e por isso ele se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim: compradores e mercadores. O homem de ciência tem, em sua personalidade, o centro magnético da ciência e, por isso, ele atrai para si, todas as coisas da ciência: livros, laboratórios etc. O esoterista tem, no “Mim mesmo”, o centro magnético do esoterismo e com essa classe de centro se torna diferente das questões da personalidade, sucedendo, indubitavelmente, por tal motivo, a transferência.

Quando o centro magnético se estabelece na Consciência, quer dizer na Essência; então se inicia o regresso do homem total às estrelas.

CAPÍTULO XIX

AS DROGAS

O desdobramento psicológico do homem permite-nos evidenciar o realismo de um nível superior em cada um de nós.

Quando pudermos verificar, por nós mesmos e de forma direta, o fato concreto de dois homens em nós mesmos, o inferior em nível normal, comum e corrente, o superior numa oitava mais elevada, então tudo muda e procuraremos, neste caso, atuar, na vida, de acordo com os princípios fundamentais que levamos no fundo de nosso SER.

Assim como existe uma vida externa, há também uma vida interna. O homem exterior não é tudo, o desdobramento psicológico nos ensina a realidade do homem interior. O homem exterior tem seu modo de ser, é uma coisa com múltiplas atitudes e reações típicas na vida, uma marionete movida por fios invisíveis. O homem interior é o SER autêntico, processa-se em outras leis muito diferentes e jamais poderia ser convertido em robô.

O homem exterior não dá ponto sem nó, sente que lhe pagaram mal, se compadece de “Si mesmo” e se autoconsidera demasiadamente. Quando se é soldado, aspira-se a ser general, quando se é um trabalhador de uma fábrica, protesta quando não o promovem; quer que seus méritos sejam devidamente reconhecidos etc. Ninguém poderá chegar ao segundo nascimento, renascer, como diz o Evangelho do Senhor, enquanto continuar vivendo com a Psicologia do homem inferior, comum e corrente.

Quando reconhecemos nossa própria nulidade e miséria interior, quando temos o valor de revisar nossa vida, indubitavelmente, vimos a saber, por nós mesmos, que de nenhuma maneira possuímos méritos de alguma espécie. "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque eles receberão o reino dos céus". Pobres de espírito, ou indigentes de espírito, são realmente aqueles que reconhecem sua própria nulidade, sua falta de vergonha e miséria interior. Essa classe de seres, sem dúvida, recebe a iluminação.

"Mais fácil é passar um camelo pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus". É evidente que a mente enriquecida por tantos méritos, condecorações e medalhas, distinguidas virtudes sociais e complicadas teorias acadêmicas, não é pobre de espírito e, portanto, nunca poderia entrar no reino dos céus.

Para entrar no reino faz-se impostergável o tesouro da fé. Enquanto não se tenha produzido, em cada um de nós, o desdobramento psicológico, a FÉ resulta algo mais que impossível. A fé é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta do Ser. A fé foi sempre confundida com as vãs crenças. Os gnósticos não devem cair, jamais, em tão grave erro. A fé é a experiência direta do real, vivência magnífica do homem interior; cognição divinal autêntica.

O homem interior, ao conhecer, por experiência mística direta, seus próprios mundos internos, é ostensível que conhece, também, os mundos internos de todas as pessoas que povoam a face da Terra. Ninguém poderia conhecer os mundos internos do Planeta Terra, do sistema solar e da galáxia em que vivemos, se antes não tivesse conhecido seus próprios mundos internos. Isto é similar ao suicida que escapa da vida por porta falsa.

As percepções extras do viciado têm sua raiz particular no abominável órgão *Kundartiguador* (a serpente tentadora do Éden). A Consciência, engarrafada entre os múltiplos elementos que constituem o “Ego”, processa-se em virtude de seu próprio engarrafamento.

A Consciência egóica advém, pois, em estado comatoso, com alucinações hipnóticas, muito similares às de qualquer sujeito que se encontra sob a influência de tal ou qual droga.

Podemos colocar esta questão da seguinte forma: alucinações da consciência egóica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas. Obviamente, estes dois tipos de alucinações têm suas causas originais no abominável órgão *Kundartiguador* (Ver capítulo 17).

Indubitavelmente, as drogas aniquilam os raios alfa, então, indubitavelmente, vem a se perder a conexão intrínseca entre mente e cérebro. Isto, de fato, resulta em fracasso total. O drogado converte, pois, o vício em religião e, desviado, pensa experimentar o real sob a influência das drogas, ignorando que as percepções extra-sensoriais produzidas pela maconha, o LSD, a morfina, os fungos alucinógenos, a cocaína, a heroína, o haxixe, comprimidos tranqüilizantes em excesso, anfetaminas, barbitúricos etc., são meras alucinações elaboradas pelo abominável órgão *Kundartiguador*. Os drogados, involuindo e degenerando no tempo, submergem, por fim, de forma definitiva, dentro dos mundos infernais.

CAPÍTULO XX

INQUIETUDES

Não há dúvida de que entre o pensar e o sentir existe uma grande diferença, isto é incontrovertível. Existe uma grande frieza entre as pessoas, é o frio do que não tem importância, do superficial.

Crêem as multidões que importante é o que não é importante; supõem que a última moda, ou o automóvel último modelo, ou a questão esta do salário básico é a única coisa séria. Chamam de sério a crônica do dia, a aventura amorosa, a vida sedentária, a taça de licor, a corrida de cavalos, a corrida de automóveis, a tourada, o mexerico, a calúnia etc.

Obviamente, quando o homem comum ou a mulher do salão de beleza escutam algo sobre esoterismo, como isto não está em seus planos, nem em suas tertúlias, nem em seus prazeres sexuais, respondem com um não-sei-o-quê de frieza espantosa ou, simplesmente, retorcem a boca, levantam os ombros e se retiram com indiferença.

Essa apatia psicológica, essa frieza que espanta, tem dois embasamentos: primeiro, a ignorância mais tremenda, segundo, a ausência mais absoluta de inquietudes espirituais. Falta um contato, um choque elétrico, ninguém o deu na loja, tampouco entre o que se acreditava sério, nem, muito menos, nos prazeres da cama.

Se alguém fosse capaz de dar, ao frio imbecil ou à superficial mulherzinha, o choque elétrico do momento, a faísca do coração, alguma reminiscência estranha, um não-sei-o-quê demasiado íntimo, talvez então, tudo seria distinto. Mas, algo desloca a pequena voz secreta ao primeiro pressentimento, ao anelo íntimo, possivelmente uma tolice: o formoso chapéu de alguma vitrine ou mostruário, o doce delicioso de um restaurante, o encontro de um amigo que, mais tarde, não tem, para nós, nenhuma importância etc.

Tolices, necessidades que, não sendo transcendentais, têm força num dado instante, como para apagar a primeira inquietude espiritual, o íntimo anelo, a insignificante chispa de luz, o pressentimento que, sem saber por que nos inquietou por um momento.

Se esses que hoje são cadáveres viventes, frios frequentadores noturnos de clube ou, simplesmente, vendedores de guarda-chuvas nas lojas da rua principal, não houvessem sufocado a primeira inquietude íntima, seriam, neste momento, luminárias do espírito, adeptos de luz, homens autênticos no sentido mais completo da palavra.

A faísca, o pressentimento, um suspiro misterioso, um não sei quê foi sentido alguma vez pelo açougueiro da esquina, pelo engraxate ou pelo doutor de primeira categoria, mas, tudo foi em vão. As necessidades da personalidade apagaram a primeira faísca de luz, depois, prossegue o frio da mais espantosa indiferença.

Inquestionavelmente, às pessoas, traga-as a lua tarde ou cedo, esta verdade resulta incontrovertível.

Não há ninguém que, na vida, não haja sentido, alguma vez, um pressentimento, uma estranha inquietude, mas desgraçadamente, qualquer coisa da personalidade, por tola que esta seja, é suficiente como para reduzir a poeira cósmica isso que, no silêncio da noite, nos comoveu por um momento.

A Lua ganha sempre estas batalhas, ela se alimenta, nutre-se, precisamente, com as nossas próprias debilidades. A Lua é terrivelmente mecanicista; o humanóide lunar, desprovido por completo de toda a inquietude solar, é incoerente e se move no mundo dos seus sonhos.

Se alguém fizesse o que ninguém faz, isto é, avivar a íntima inquietude surgida, talvez, no mistério de alguma noite, não há dúvida de que, com o tempo, assimilaria a inteligência solar e converter-se-ia, por tal motivo, em homem solar. Isso é precisamente, o que o Sol quer, porém, estas sombras lunares, tão frias, apáticas e indiferentes, sempre são tragadas pela Lua.

Depois vem a igualação da morte. A morte iguala tudo. Qualquer cadáver vivente, desprovido de inquietudes solares, degenera terrivelmente, de forma progressiva, até que a Lua o devore.

O Sol quer criar homens, está fazendo esse ensaio no laboratório da natureza, mas desgraçadamente, tal experimento não lhe tem dado bons resultados, a Lua traga as pessoas.

Sem dúvida, isto que estamos dizendo não interessa a ninguém, muito menos aos ignorantes ilustrados; eles se sentem a mãe dos pintinhos ou o pai de Tarzan.

O Sol depositou dentro das glândulas sexuais do “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, certos germens solares que, convenientemente desenvolvidos, poderiam transformar-nos em homens autênticos. Contudo, o experimento solar resulta espantosamente difícil, devido, precisamente, ao frio lunar.

As pessoas não querem cooperar com o Sol e, por tal motivo, com o tempo, os germens solares involucionam, degeneram e se perdem lamentavelmente. A chave-mestra da obra do Sol está na dissolução dos elementos indesejáveis que levamos dentro de nós. Quando uma raça humana perde todo interesse pelas idéias solares, o Sol a destrói, porque já não serve para o seu experimento. Como esta raça atual se tornou insuportavelmente lunar, terrivelmente superficial e mecanicista, já não serve para o experimento solar, motivo mais que suficiente pelo qual será destruída.

Para que haja inquietude espiritual contínua, requer-se passar o centro magnético de gravidade à Essência, à Consciência. Desafortunadamente, as pessoas têm o centro magnético de gravidade na personalidade, no café, no bar, nos negócios de banco, na casa de encontros ou na praça do mercado etc.

Obviamente, todas estas são as coisas da personalidade e o centro magnético da mesma atrai todas estas coisas, isto é incontrovertível e qualquer pessoa que tenha sentido comum pode verificá-lo por si mesma e de forma direta.

Desgraçadamente, ao ler tudo isto, os velhacos do intelecto, acostumados a discutir demasiado ou a calar com um orgulho insuportável, preferem jogar o livro com desdém e ler o jornal. Uns quantos goles de bom café e a crônica do dia resultam magnífico alimento para os mamíferos racionais. No entanto, eles se sentem muito sérios, indubitavelmente, suas próprias sabichonices os alucinaram e estas coisas do tipo solar, escritas neste livro insolente, molestam-nos demasiadamente. Não há dúvida de que os olhos boêmios dos homúnculos da razão não se atreveriam a continuar com o estudo desta obra.

CAPÍTULO XXI

A MEDITAÇÃO

Na vida, a única coisa importante é a mudança radical, total e definitiva, tudo mais, francamente, não tem a menor importância.

A meditação resulta fundamental quando, sinceramente, nós queremos tal mudança. De modo algum desejamos a meditação não transcendental, superficial e vã. Precisamos tornar-nos sérios e deixar de lado tantas tolices que abundam por aí no pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo baratos.

Há que se saber ser sério, há que saber mudar, se é que na realidade, de verdade, não queremos fracassar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, o superficial, o leviano, jamais poderá dissolver o "Ego" será sempre um lenho impotente entre o furioso mar da vida.

Defeito descoberto, no terreno da vida prática, deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação. O material didático para a meditação encontra-se, precisamente, nos distintos eventos, ou circunstâncias diárias da vida prática, isto é incontrovertível.

As pessoas sempre protestam contra os eventos desagradáveis; nunca sabem ver a utilidade de tais eventos. Nós, ao invés de protestarmos contra as circunstâncias desagradáveis, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para o nosso crescimento anímico. A meditação profunda sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável nos permite, em nós mesmos, o sabor, o resultado.

É necessário fazer uma plena diferenciação psicológica entre o que é o "sabor trabalho" e o "sabor vida". Em todo o caso, para sentir, em nós mesmos, o sabor trabalho, requer-se inversão total de atitude com que, normalmente, encaramos as circunstâncias da existência.

Ninguém poderia gostar do sabor trabalho, enquanto cometer o erro de identificar-se com os diversos eventos. Certamente, a identificação impede a devida apreciação psicológica dos eventos. Quando nos identificamos com tal ou qual acontecimento, de modo algum extrairemos dele os elementos úteis para o autodescobrimento e o crescimento interior da Consciência.

O trabalhador esoterista que regressa à identificação, depois de haver perdido a vigilância, volta a sentir o sabor vida ao invés do sabor trabalho. Isto indica que a atitude psicológica, antes invertida, voltou a seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente, através da técnica da meditação. A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar, por nós mesmos e, em forma direta, a intervenção de vários eus participantes da mesma. Exemplo: uma cena de ciúmes amorosos, nela intervém eus de ira, ciúmes, e até ódio.

Compreender cada um destes eus, cada um destes fatores implica, de fato, em profunda reflexão, concentração, meditação. A marcada tendência de culpar os outros é óbice, obstáculo para a compreensão dos nossos próprios erros. Desgraçadamente, resulta tarefa muito difícil destruir, em nós, a tendência de culpar os outros. Em nome da verdade, diremos que nós somos os únicos culpados das diversas circunstâncias da vida.

Os distintos eventos agradáveis ou desagradáveis existem sem nós ou conosco e se repetem, mecanicamente, em forma contínua. Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final. Os problemas são da vida e se houvesse uma solução final, a vida não seria vida, senão morte. Então, pode haver modificação das circunstâncias e dos problemas; mas, nunca deixarão de se repetir e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente, com todas as circunstâncias agradáveis e desagradáveis, sempre recorrente. Não podemos deter a roda, as circunstâncias boas ou más processam-se sempre mecanicamente, apenas podemos mudar nossa atitude ante os eventos da vida.

Conforme aprendamos a extrair o material para a meditação dentre as mesmas circunstâncias da existência, nos descobriremos. Em qualquer circunstância agradável ou desagradável existem diversos eus que devem ser compreendidos, integralmente, com a técnica da meditação. Isto significa que qualquer grupo de eus, intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de ter sido compreendido integralmente, deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe *Kundalini*.

À medida que fazemos uso do sentido da observação psicológica, este último irá também se desenvolvendo maravilhosamente. Então podemos perceber os eus durante o trabalho de meditação.

Resulta interessante perceber, interiormente, não somente os eus antes de haverem sido trabalhados, senão, também, durante todo o trabalho. Quando estes eus são decapitados e desintegrados, sentimos um grande alívio, uma grande dita.

CAPÍTULO XXII

RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é a sua vida, se um homem não trabalha sua própria vida, está perdendo o tempo miseravelmente. Só eliminando os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos, podemos fazer de nossa vida uma obra Mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida, com a possibilidade de repeti-la, novamente, no cenário de uma nova existência. As diversas escolas pseudos ocultistas sustentam a teoria eterna das vidas sucessivas, tal conceito está equivocado.

A vida é um filme, concluída a projeção, enrolamos a fita em seu carretel e a levamos para eternidade. O reingresso existe, o retorno existe. Ao voltar a este mundo projetamos sobre o tapete da existência o mesmo filme, a mesma vida.

Podemos sustentar a tese de existências sucessivas, mas, não de vidas sucessivas, porque o filme é o mesmo. O ser humano tem uns três por cento de Essência livre e noventa e sete por cento de Essência embotelhada entre os eus. Ao retornar, os três por cento de Essência livre impregnam, totalmente, o ovo fecundado e, incontestavelmente, continuamos na semente dos nossos descendentes.

Personalidade é diferente, não existe nenhum “amanhã” para a personalidade do falecido, pois se vai dissolvendo, lentamente, no panteão ou cemitério. No recém nascido só se encontra reincorporada a pequena porcentagem de essência livre, isto dá a cada criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos eus que retornam dão voltas ao redor do recém nascido, vão e vêm livremente por onde quer que seja, querem se meter dentro da máquina orgânica, mas isto não é possível, enquanto não se tenha criado uma nova personalidade.

Convém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo. Está escrito que a personalidade há de formar-se durante os primeiros sete anos da infância e que, posteriormente, se robustece e se fortifica com todas as experiências da vida

prática. Os eus começam a intervir dentro da máquina orgânica, pouco a pouco, á medida que se vai criando a nova personalidade.

A morte é uma subtração de frações; terminada a operação matemática, o único que continua são os valores (isto é, os eus bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos). Os valores, na luz astral, se atraem e se repelem, entre si, de acordo com as leis da imantação universal.

Nós somos pontos matemáticos no espaço e servimos de veículos a determinadas somas de valores. Dentro da personalidade humana de cada um de nós existem sempre estes valores que servem de embasamento à Lei da Recorrência. Tudo volta a ocorrer tal como sucedeu, acrescido do resultado, ou conseqüência das nossas ações precedentes.

Como dentro de cada um de nós existem muitos eus de vida precedentes, podemos afirmar de forma enfática, que cada um deles é uma pessoa diferente. Isto nos convida a compreender que dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas com distintos compromissos. Dentro da personalidade de um ladrão existe um verdadeiro covil de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe uma casa de encontros; dentro da personalidade de qualquer prostituta, existe um prostíbulo etc.

Cada uma dessas pessoas que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos. Gente vivendo dentro da gente, pessoas vivendo dentro das pessoas, isto é irrefutável, irrefutável.

O grave de tudo isto é cada uma dessas pessoas, os eus que dentro de nós vive, vem das antigas existências e tem determinados compromissos. O “Eu” que na passada existência teve uma aventura amorosa na idade de trinta e cinco anos, na nova existência, aguardará tal idade para manifestar-se e, chegado o momento, buscará a pessoa dos seus sonhos, por-se-á em contato telepático com a mesma e, ao fim, virá o reencontro e a repetição da cena; o “Eu” que na idade de quarenta anos teve um pleito por bens materiais, na nova existência, guardará tal idade para repetir o mesmo acontecimento; o “Eu” que na idade de vinte e cinco anos brigou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará, na nova existência, a nova idade de vinte e cinco anos para buscar seu adversário e repetir a tragédia. Buscam-se entre si os eus de um e outro sujeito mediante as ondas telepáticas e logo se reencontram para repetir, mecanicamente, o mesmo.

Esta é, realmente a mecânica da lei da recorrência, esta é a tragédia da vida. Através de milhares de anos os diversos personagens se reencontram para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias. A pessoa humana não é mais que uma máquina a serviço destes eus com tantos compromissos.

O pior de toda esta questão é que todos estes compromissos das pessoas que levamos em nosso interior, cumprem-se sem que nosso entendimento tenha, previamente, alguma informação. Nossa personalidade humana, nesse sentido, parece um carro arrastado por múltiplos cavalos.

Existem vidas que ocorrem com exatíssima repetição, existências recorrentes que nunca se modificam. De modo algum poderiam repetir as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência, se não existissem os atores. Os atores de todas estas cenas são os eus que carregamos em nosso interior e que vêm de antigas existências.

Se nós desintegramos os eus da ira, as cenas trágicas da violência terminam inevitavelmente; se nós reduzimos a poeira cósmica os agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizam totalmente; se nós aniquilamos os eus da luxúria, as cenas de prostíbulo e de morbosidade terminam; se nós reduzimos a cinzas os personagens secretos da inveja, os eventos da mesma terminam radicalmente; se matarmos os eus do orgulho, da vaidade, da presunção, da auto-importância, as cenas ridículas desses defeitos terminam por falta de atores; se eliminarmos de nossa psique os fatores da preguiça, da inércia e da indolência, as cenas horripilantes dessa espécie de defeito não poderão repetir-se por falta de atores; se pulverizarmos os eus asquerosos da glotonaria terminarão os banquetes, as bebedeiras etc., por falta de seus respectivos atores.

Como estes múltiplos eus se processam lamentavelmente nos distintos níveis do ser, se faz necessário conhecer suas causas, sua origem e os procedimentos crísticos que, finalmente, haverão de nos conduzir a morte do “Mim mesmo” e à liberação final.

Estudar o cristo íntimo, estudar o esoterismo é fundamental, quando se trata de provocar em nós uma mudança radical e definitiva, isto é o que estudaremos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO XXIII

O CRISTO ÍNTIMO

Cristo é o Fogo do Fogo, a Chama da Chama, a Assinatura Astral do Fogo.

Sobre a cruz do Mártir do Calvário está definido o Mistério do Cristo com uma só palavra que consta de quatro letras: INRI – *Ignis Natura Renovatur Integram* – "O Fogo Renova Incessantemente a Natureza".

O advento do Cristo, no coração do homem, nos transforma radicalmente. Cristo é o LOGOS SOLAR, Unidade Múltipla Perfeita. Cristo é a vida que palpita no universo inteiro, é o que é, sempre tem sido e o que sempre será.

Muito se falou sobre o Drama Cósmico, sem dúvida, este drama está formado pelos quatro Evangelhos. Foi-nos dito que o Drama Cósmico foi trazido pelos *Elohim* à Terra; o Grande Senhor da Atlântida representou esse drama em carne e osso.

O Grande *Kabir*, Jesus, também teve que representar o mesmo drama, publicamente, na Terra Santa. Ainda que o Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve se não nascer em nosso coração também. Ainda que tenha morrido e ressuscitado ao terceiro dia, dentre os mortos, de nada serve isso se não morre e ressuscita em nós também.

Tratar de descobrir a natureza e a essência do fogo é tratar de descobrir a Deus, cuja presença real sempre se revelou sob a aparência ígnea. A sarça ardente (Êxodo, III, 2) e o incêndio do Sinai, a raiz do outorgamento do Decálogo (Êxodo, XIX, 18), são duas manifestações pelas quais Deus apareceu a Moisés. Sob a figura de um ser de Jaspe e Sardônico da cor da chama, sentado em trono Incandescente e fulgurante, são João descreve o Senhor do Universo (Apocalipse, IV, 3, 5). "Nosso Deus é um Fogo Devorador", escreve São Paulo em sua "Epístola aos Hebreus".

O Cristo Íntimo, o Fogo Celestial, deve nascer em nós e nasce, em realidade, quando temos avançado bastante no trabalho psicológico.

O Cristo Íntimo deve eliminar da nossa natureza psicológica as próprias causas do erro: os "Eus-causas". Não seria possível a dissolução das causas do "Ego" enquanto o Cristo Íntimo não tenha nascido em nós. O Fogo Vivente e Filosofal, o Cristo Íntimo, é o Fogo do Fogo, o Puro do Puro.

O Fogo nos envolve e nos banha por todas as partes, vem a nós pelo ar, pela água e pela terra que são seus conservadores e seus diversos veículos. O Fogo Celestial que se deve cristalizar em nós é o Cristo Íntimo, nosso Salvador interior profundo. O Senhor Íntimo deve encarregar-se de toda nossa psique, dos cinco cilindros da máquina orgânica, de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

CAPÍTULO XXIV

O TRABALHO CRÍSTICO

O Cristo Íntimo surge, interiormente, no trabalho relacionado com a dissolução do “Eu” psicológico. Obviamente, o Cristo Interior só advém no momento culminante dos nossos esforços intencionais e padecimentos voluntários.

O advento do Fogo Crístico é o acontecimento mais importante da nossa própria vida. O Cristo Íntimo se encarrega, então, de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

Inquestionavelmente, o Cristo Íntimo é o nosso Salvador interior profundo. Ele, sendo perfeito, ao adentrar em nós, pareceria como imperfeito, sendo casto, pareceria como se não o fosse, sendo justo, pareceria como se não o fosse. Isto é semelhante aos distintos reflexos da luz. Se usarmos óculos azuis tudo nos parecerá azul e se os usarmos de cor vermelha veremos todas as coisas desta cor. Ele, ainda que seja branco, visto de fora, cada qual o verá através do cristal psicológico com que o olha, por isso é que as pessoas vendo-o, não o vêem.

Ao encarregar-se de todos os nossos processos psicológicos, o Senhor da Perfeição sofre o indizível. Convertido em homem entre os homens, há de passar por muitas provas e suportar tentações indizíveis.

A tentação é o fogo, o triunfo sobre a tentação é luz. O iniciado deve aprender a viver perigosamente, assim está escrito. Isto é sabido pelos alquimistas.

O iniciado deve percorrer com firmeza a Senda do Fio da Navalha, pois de um e outro lado do difícil caminho existem abismos espantosos. Na difícil senda da dissolução do “Ego” existem complexos caminhos que têm sua raiz, precisamente, no caminho real.

Obviamente, da Senda do Fio da Navalha se desprendem múltiplas sendas que não conduzem a nenhuma parte, algumas delas nos levam ao abismo e ao desespero. Existem sendas que poderiam converter-nos em majestades de tais ou quais zonas do universo, porém, de nenhum modo, nos trariam de regresso ao seio do eterno Pai Cósmico Comum. Existem sendas fascinantes, de santíssima aparência, inefáveis. Desafortunadamente, só podem conduzir-nos à involução submersa dos mundos infernos.

No trabalho da dissolução do “Eu” necessitamos entregar-nos, por completo, ao Cristo Interior.

Às vezes aparecem problemas de difícil solução, logo, o caminho se perde em labirintos inexplicáveis e não se sabe por onde continua. Só a obediência absoluta ao Cristo Interior e ao Pai que está em segredo, pode, em tais casos, orientar-nos sabiamente.

A Senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora. A moral convencional de nada serve, a moral é escrava dos costumes, da época, do lugar. O que foi moral em épocas passadas agora resulta imoral; o que foi moral na Idade Média, por estes tempos modernos pode resultar imoral. O que num país é moral em outro país é imoral etc.

No trabalho da dissolução do “Ego” sucede que, às vezes, quando pensamos que vamos muito bem, resulta que vamos muito mal. As mudanças são indispensáveis durante o avanço esotérico, mas, as pessoas reacionárias permanecem embotelhadas no passado, petrificam-se no tempo e tropeçam e relampejam contra nós, à medida que realizamos avanços psicológicos profundos e mudanças radicais.

As pessoas não resistem às mudanças do Iniciado, querem que este continue petrificado em múltiplos passados. Qualquer mudança que o Iniciado realizar é classificada, de imediato, como imoral.

Olhando as coisas deste ângulo, à luz do trabalho crístico, podemos evidenciar, claramente, a ineficácia dos diversos códigos de moral que, no mundo, se escreveram.

Inquestionavelmente, o Cristo manifesto é, no entanto, oculto no coração do homem real. Ao encarregar-se dos nossos diversos estados psicológicos, sendo desconhecido para as pessoas é, de fato, qualificado como cruel, imoral e perverso.

Resulta paradoxal que as pessoas adorem o Cristo e, no entanto, lhe coloquem tão horripilantes qualificativos.

Obviamente, as pessoas inconscientes e adormecidas só querem um Cristo histórico, antropomórfico, de estátuas e dogmas inquebrantáveis, ao qual podem acomodar, facilmente, todos os seus códigos de moral torpes e rançosos e todos os seus pré-julgamentos e condições.

As pessoas não podem conceber jamais o Cristo Íntimo no coração do homem, as multidões só adoram o Cristo estátua e isso é tudo.

Quando se fala às multidões, quando se lhes declara o verdadeiro realismo do Cristo Revolucionário, do Cristo Vermelho, do Cristo Rebelde, de imediato se recebe qualificativos como os seguintes: blasfemo, herege, malvado, profanador, sacrílego etc.

Assim são as multidões, sempre inconscientes, sempre adormecidas. Agora compreenderemos porque o Cristo crucificado no Gólgota exclama com todas as forças de sua alma: "Meu Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem".

O Cristo, em "Mim mesmo", sendo um, aparece como muitos e, por isso, é que se tem dito que é Unidade Múltipla Perfeita. Ao que se sabe, a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão, somente aquele que a encarnou. Encarná-lo é fundamental no trabalho avançado da morte do "Eu" pluralizado.

O Senhor da Perfeição trabalha em nós, à medida que nos esforçamos, conscientemente, no trabalho sobre nós mesmos. Resulta espantosamente doloroso o trabalho que o Cristo Íntimo tem que realizar dentro de nossa própria psique.

É verdade que nosso Mestre Interior deve viver toda sua via-crúcis no fundo mesmo de nossa própria alma. Está escrito: "A Deus rogando e com o malho dando". Também está escrito: "Ajuda-te que eu te ajudarei".

Suplicar à Divina Mãe *Kundalini* é fundamental, quando se trata de dissolver agregados psíquicos indesejáveis, porém, o Cristo Íntimo, nos recônditos mais profundos do "Mim mesmo", opera, sabiamente, de acordo com as próprias responsabilidades que Ele coloca sobre seus ombros.

CAPÍTULO XXV

O DIFÍCIL CAMINHO

Inquestionavelmente, existe um lado escuro de nós mesmos que não conhecemos, ou que não aceitamos. Devemos levar a luz da Consciência a esse lado tenebroso de nós mesmos.

Todo o objeto de nossos estudos gnósticos é fazer com que o conhecimento de nós mesmos se torne mais consciente. Quando temos muitas coisas, em nós mesmos, que não conhecemos e nem aceitamos, então, tais coisas nos complicam a vida espantosamente e provocam, na verdade, toda sorte de situações que poderiam ser evitadas mediante o conhecimento de nós mesmos.

O pior de tudo isto é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de nós mesmos em outras pessoas e, então, o vemos nelas, por exemplo, as vemos como se fossem embusteiras, infiéis, mesquinhas etc., em relação com o que carregamos em nosso interior.

A *Gnosis* diz, sobre este particular, que vivemos em uma parte muito pequena de nós mesmos. Significa isso que nossa Consciência se estende só em uma parte muito reduzida de nós mesmos. A idéia do trabalho esotérico gnóstico é a de ampliar, claramente, nossa própria Consciência.

Indubitavelmente, enquanto não estejamos bem relacionados conosco mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os demais e o resultado será conflitos de toda espécie. É indispensável chegar a ser muitíssimo mais consciente para consigo mesmo, mediante uma direta observação de si.

Uma regra gnóstica geral no trabalho esotérico gnóstico é que, quando não nos entendemos com alguma pessoa, podemos ter a segurança de que esta é a mesma coisa contra a qual é preciso trabalhar sobre nós mesmos. O que tanto se critica nos outros é algo que descansa no lado escuro de nós mesmos, e que não se conhece, nem se quer conhecer.

Quando estamos em tal condição, o lado escuro de nós mesmos é muito grande, porém, quando a luz da observação de si ilumina esse lado escuro, a Consciência cresce mediante o conhecimento de si. Esta é a Senda do Fio da Navalha, mais amarga que o fel. Muitos a iniciam, raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto que não se vê, um lado desconhecido, assim também sucede com a lua psicológica que carregamos em nosso interior. Obviamente, tal lua psicológica está formada pelo “Ego”, o “Eu”, o “Mim mesmo”, o “Si mesmo”. Nessa “lua psicológica”, carregamos elementos inumanos que espantam, horrorizam e que, de modo algum, aceitaríamos que temos.

Cruel caminho é esse da AUTO-REALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER. Quantos precipícios! Que passagens tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!...

Às vezes, no caminho interior, depois de muitas voltas e reviravoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas descidas, perdemo-nos em desertos de areia, não sabemos por onde seguir e nem um raio de luz nos ilumina. Senda cheia de perigos por dentro e por fora; caminho de mistérios indizíveis onde só sopra um hálito de morte.

Neste caminho interior, quando um crê que vai muito bem, em realidade, vai muito mal. Neste caminho interior, quando um crê que vai muito mal, sucede que marcha muito bem. Neste caminho secreto existem instantes em que já nem sabemos o que é bom, nem o que é mau. O que, normalmente, se proíbe, às vezes, resulta que é o justo, assim é o caminho interior.

Todos os códigos morais, no caminho interior, ficam sobrando. Uma bela máxima ou um formoso preceito moral, em determinados momentos, pode converter-se num obstáculo muito sério para a Auto-realização Íntima do Ser.

Afortunadamente, o Cristo Íntimo, desde o próprio fundo de nosso Ser, trabalha intensivamente, sofre, chora, desintegra elementos perigosíssimos que em nosso interior levamos.

O Cristo nasce como um menino no coração do homem, porém, à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo, pouco a pouco, até converter-se num homem Completo.

CAPÍTULO XXVI

OS TRÊS TRAIADORES

No trabalho interior profundo, dentro do terreno da mais restrita auto-observação psicológica, precisamos vivenciar, em forma direta, todo o drama cósmico.

O Cristo Íntimo eliminará todos os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos. Os múltiplos agregados psíquicos, em nossas profundidades psicológicas, gritam, pedindo crucificação para o Senhor Interior.

Inquestionavelmente, cada um de nós leva em sua psique os três traidores. Judas, o demônio do desejo; Pilatos, o demônio da mente; Caifás, o demônio da má vontade. Estes três traidores crucificam o Senhor das Perfeições, no fundo mesmo de nossa alma. Trata-se de três tipos específicos de elementos inumanos fundamentais no drama cósmico.

Indubitavelmente, o citado drama foi vivido sempre secretamente, nas profundidades da Consciência Superlativa do Ser. O drama cósmico não é propriedade exclusiva do Grande *Kabir* Jesus, como supõem, sempre, os ignorantes ilustrados. Os Iniciados de todas as Idades, os Mestres de todos os séculos tiveram que viver o drama cósmico dentro de “Mim mesmo”, aqui e agora. Porém, Jesus, o Grande *Kabir*, teve a coragem de representar tal drama íntimo publicamente, na rua e à luz do dia, para abrir o sentido da Iniciação a todos os seres humanos, sem distinção de raça, sexo, casta ou cor.

É maravilhoso que haja alguém que, em forma pública, tivesse ensinado o drama íntimo a todos os povos da Terra. O Cristo Íntimo, não sendo luxurioso, tem que eliminar, de “Mim mesmo”, os elementos psicológicos da luxúria. O Cristo Íntimo, sendo em “Mim mesmo” paz e amor, deve eliminar, de “Mim mesmo”, os elementos indesejáveis da ira. O Cristo Íntimo, não sendo cobiçoso, deve eliminar, de “Mim mesmo”, os elementos indesejáveis da cobiça. O Cristo Íntimo, não sendo invejoso, deve eliminar de “Mim mesmo”, os agregados psíquicos da inveja. O Cristo Íntimo, sendo humildade perfeita, modéstia infinita, simplicidade absoluta, deve eliminar, de “Mim mesmo”, os asquerosos elementos do orgulho, da vaidade, da presunção. O Cristo Íntimo, a Palavra, o Logos Criador, vivendo sempre em constante atividade, tem que eliminar, em nosso interior, em “Mim mesmo” e por “Mim mesmo”, os elementos indesejáveis da inércia, da preguiça, do estancamento. O Senhor da Perfeição, acostumado a todos os jejuns, de têmpera, jamais amigo das bebedeiras e dos grandes banquetes, tem que eliminar, de “Mim mesmo”, os abomináveis elementos da gula.

Estranha simbiose a do Cristo Jesus, o Cristo homem, rara mistura do Divino e do Humano, do perfeito e do imperfeito, prova sempre constante para o Logos.

O mais interessante de tudo isto é que o Cristo Secreto é sempre um triunfador; alguém que vence constantemente as trevas, alguém que elimina as trevas dentro de “Mim mesmo” aqui e agora. O Cristo Secreto é o Senhor da Grande Rebelião, rechaçado pelos sacerdotes, pelos anciãos e pelos escribas do templo.

Os sacerdotes o odeiam, isto é, não o compreendem, querem que o Senhor da Perfeição viva, exclusivamente, no tempo, de acordo com seus dogmas inquebrantáveis.

Os anciãos, quer dizer, os moradores da Terra, os bons donos de casa, as pessoas judiciosas, as pessoas de experiência, aborrecem o Logos, o Cristo Vermelho, o Cristo da Grande Rebelião, porque este sai do mundo dos seus hábitos e costumes antiquados, reacionários e petrificados em muitos passados.

Os escribas do templo, os velhacos do intelecto aborrecem o Cristo Íntimo, porque este é a antítese do Anticristo, o inimigo declarado de toda essa podridão de teorias universitárias que tanto abundam nos mercados de corpos e de almas.

Os três traidores odeiam, mortalmente, o Cristo Secreto e o conduzem à morte dentro de nós mesmos e em nosso próprio espaço psicológico.

Judas, o demônio do desejo, troca sempre o Senhor por trinta moedas de prata, isto é, por licores, dinheiro, fama, vaidades, fornicções, adultérios etc.

Pilatos, o demônio da mente, sempre lava as mãos, sempre se declara inocente, nunca tem culpa. Constantemente se justifica ante “Mim mesmo” e ante os demais, busca evasivas, escapatórias para iludir suas próprias responsabilidades etc.

Caifás, o demônio da má vontade, trai, incessantemente, o Senhor dentro de nós mesmos. O Adorável Íntimo lhe dá o báculo para pastorear suas ovelhas, no entanto, o cínico traidor converte o altar em leito de prazeres, fornicica incessantemente, adultera, vende os sacramentos etc.

Estes três traidores fazem sofrer, secretamente, o Adorável Senhor Íntimo, sem compaixão alguma.

Pilatos faz com que ponham a coroa de espinhos sobre suas têmporas, os malvados eus o flagelam, insultam-no e o amaldiçoam, no espaço psicológico íntimo, sem piedade de nenhuma espécie.

CAPÍTULO XXVII

OS EUS-CAUSAS

Os múltiplos elementos subjetivos que constituem o “Ego” têm raízes causais.

Os “Eus-causas” estão vinculados às leis de causa e efeito. Obviamente, não pode existir causa sem efeito, nem efeito sem causa, isto é inquestionável, indubitável.

Seria inconcebível a eliminação dos diversos elementos inumanos que em nosso interior carregamos, se não eliminássemos, radicalmente, as causas intrínsecas de nossos defeitos psicológicos.

Obviamente, os “Eus-causas” acham-se intimamente associados a determinadas dívidas cármicas. Só o arrependimento mais profundo e os respectivos negócios com os Senhores da Lei podem dar-nos a dita de lograr a desintegração de todos esses elementos causais que de uma ou outra forma nos podem conduzir à eliminação natural dos elementos indesejáveis. As causas intrínsecas de nossos erros, certamente, podem ser erradicadas de nós mesmos, graças aos eficientes trabalhos do Cristo Íntimo.

Obviamente, os “Eus-causas” costumam ter complexidades espantosamente difíceis. Exemplo: um estudante esoterista poderia ser defraudado por seu instrutor e, em conseqüência, tal neófito tornar-se-ia céptico. Neste caso concreto, o “Eu-causa” que originou tal erro só poderia desintegrar-se mediante o supremo arrependimento íntimo e com negociações esotéricas muito especiais.

O Cristo Íntimo, dentro de nós mesmos, trabalha intensamente, eliminando, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, todas essas causas secretas de nossos erros.

O Senhor das Perfeições deve viver, em nossas íntimas profundidades, todo o drama cósmico. Assombra-nos ao contemplar, no mundo causal, todas as torturas pelas quais passa o Senhor das Perfeições. No mundo causal, o Cristo Secreto passa por todas as amarguras indizíveis de sua via-crúcis.

Indubitavelmente, Pilatos lava as mãos e se justifica, porém, no final, condena o Adorável à morte na cruz. Resulta extraordinário para o iniciado vidente, a ascensão ao Calvário.

Indubitavelmente, a Consciência solar integrada com o Cristo Íntimo, crucificada na cruz majestosa do Calvário, pronuncia frases terríveis que aos seres humanos não lhes é dado compreender. A frase final: "Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito", vai seguida de raios e trovões e grandes cataclismos.

Posteriormente, o Cristo Íntimo, depois de despregado da cruz é depositado em seu Santo Sepulcro. Mediante a morte, o Cristo Íntimo mata a morte. Muito mais tarde, no tempo, o Cristo Íntimo deve ressuscitar em nós.

Inquestionavelmente, a ressurreição crística vem a transformar-nos radicalmente. Qualquer Mestre ressurrecto possui poderes extraordinários sobre o fogo, o ar, as águas e a terra.

Indubitavelmente, os Mestres ressurrectos adquirem a imortalidade, não somente psicológica como também, corporal. Jesus, o Grande *Kabir*, ainda vive com o mesmo corpo físico que teve na Terra Santa; o Conde Saint Germain que transmutava o chumbo em ouro e fazia diamantes da melhor qualidade, durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII etc., ele também, ainda vive. O enigmático e poderoso Conde Cagliostro que tanto assombrara a Europa com seus poderes durante os séculos XVI, XVII, XVIII, é um Mestre ressurrecto e conserva ainda, o mesmo corpo físico.

CAPÍTULO XXVIII

O SUPER-HOMEM

Um código de *Anáhuac* disse: "Os deuses criaram os homens de madeira e, depois de havê-los criado, os fusionaram com a divindade", mas, logo acrescenta: "Nem todos os homens logram integrar-se com a divindade".

Inquestionavelmente, a primeira coisa que se necessita é criar o homem antes de poder integrá-lo com o Real.

O "animal intelectual", equivocadamente chamado homem, de modo algum é o homem. Se compararmos o homem com o "animal intelectual" verificaremos por nós mesmos, o fato concreto de que o "animal intelectual", ainda que fisicamente se pareça ao homem, psicologicamente é absolutamente distinto. Desafortunadamente, todos pensam erroneamente, supõem ser Homens, qualificam-se de tais.

Sempre temos acreditado que o homem é o rei da criação; o "animal intelectual", até a presente data, não demonstrou sequer ser o rei de "Mim mesmo"; se não é rei dos seus próprios processos psicológicos, se não pode dirigi-los à vontade, muito menos poderá governar a natureza.

De modo algum poderíamos aceitar o homem convertido em escravo, incapaz de governar-se a "Mim mesmo" e convertido em brinquedo das forças bestiais da natureza. Ou se é rei do universo, ou não se é. No último destes casos, indiscutivelmente, fica demonstrado o fato concreto de não haver chegado, ainda, ao estado de homem.

Dentro das glândulas sexuais do "animal intelectual", o Sol depositou os germens para o homem. Obviamente, tais germens podem desenvolver-se ou perder-se definitivamente. Se quisermos que tais germens se desenvolvam, faz-se indispensável cooperar com o esforço que o Sol está fazendo para criar Homens.

O homem legítimo deve trabalhar, intensivamente, com o propósito evidente de eliminar, de "Mim mesmo", os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos. Se o homem real não eliminasse de "Mim mesmo" tais elementos, fracassaria lamentavelmente. Converter-se-ia em um aborto da Mãe Cósmica, em um fracasso.

O homem que, verdadeiramente, trabalhe sobre "Mim mesmo" com o propósito de despertar a Consciência, poderá integrar-se com o divinal. Ostensivelmente, o homem Solar, integrado com a divindade, converte-se, de fato e por direito próprio, em Super-homem.

Não é tão fácil chegar ao Super-homem. Indubitavelmente, o caminho que conduz ao Super-Homem está mais além do bem e do mal. Uma coisa é boa quando nos convém e má, quando não nos convém. Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude no malvado e muita maldade no virtuoso.

O caminho que conduz ao Super-Homem é a Senda do Fio da Navalha. Esta senda está cheia de perigos por dentro e por fora. O mal é perigoso, o bem também é perigoso. O espantoso caminho está mais além do bem e do mal, é terrivelmente cruel.

Qualquer código de moral pode deter-nos na marcha até o Super-Homem. O apego a tais ou quais passados, a tais ou quais cenas, pode deter-nos no caminho que chega até o Super-Homem. As normas, os procedimentos, por muito sábios que sejam, se encontram enrascados em tal ou qual fanatismo, em tal ou qual prejulgamento, em tal ou qual conceito, pode obstaculizar-nos no avanço até o Super-Homem.

O Super-Homem conhece o bem do mal e o mal do bem; empunha a espada da justiça cósmica e está mais além do bem e do mal.

O Super-Homem, havendo liquidado, em "Mim mesmo", todos os valores bons e maus, converteu-se em algo que ninguém entende; é o raio, é a chama do Espírito Universal da Vida, resplandecendo no rosto de um Moisés.

Em cada tenda do caminho algum anacoreta oferece suas dádivas ao Super-Homem, mas, este continua seu caminho mais além das boas intenções dos anacoretas.

O que disseram as pessoas sob o pórtico sagrado dos templos, tem muita beleza, porém, o Super-Homem está mais além dos ditados piedosos das pessoas.

O Super-Homem é o raio e sua palavra é o trovão que desintegra os poderes do bem e do mal. O Super-Homem resplandece nas trevas, mas, as trevas odeiam o Super-Homem.

As multidões qualificam o Super-Homem de perverso, pelo fato mesmo de que não cabe dentro dos dogmas indiscutíveis, nem dentro das frases piedosas, nem dentro da sã moral dos homens sérios.

As pessoas aborrecem o Super-Homem e o crucificam entre criminosos, porque não o entendem, porque o prejulgam, olhando-o através da lente psicológica do que se crê santo, ainda que seja malvado.

O Super-Homem é como a centelha que cai sobre os perversos, ou como o brilho de algo que não se entende e que se perde, depois, no mistério.

O Super-Homem não é santo nem é perverso; está mais além da santidade e da perversidade; mas, as pessoas o qualificam de santo ou de perverso. O Super-Homem brilha, por um momento, entre as trevas deste mundo e logo desaparece para sempre.

Dentro do Super-Homem resplandece abrasadoramente, o Cristo Vermelho, o Cristo Revolucionário, o Senhor da Grande Rebelião.

CAPÍTULO XXIX

O SANTO GRIAL

O Santo Grial resplandece na noite profunda de todas as idades. Os cavaleiros da Idade Média, na época das Cruzadas, buscaram, inutilmente, o Santo Grial na Terra Santa, mas não o encontraram.

Quando Abraão, o Profeta, voltava da guerra contra os reis de Sodoma e Gomorra, dizem que encontrou a Melquisedeque, o Gênio da Terra. Certamente, esse Grande Ser vivia numa fortaleza, localizada, exatamente, naquele lugar, onde, mais tarde, se edificou Jerusalém, a cidade querida dos profetas.

Diz a lenda dos séculos, e isto o sabem os divinos e os humanos, que Abraão celebrou a Unção Gnóstica com a repartição do pão e do vinho na presença de Melquisedeque. Não é demais afirmar que então Abraão entregou a Melquisedeque os dízimos e primícias, tal como está escrito no Livro da Lei.

Abraão recebeu das mãos de Melquisedeque o Santo Grial. Muito mais tarde no tempo, este cálice foi parar no templo de Jerusalém.

Não há dúvida de que a Rainha de Sabá serviu de mediadora para este fato. Ela se apresentou ante o Rei Salomão com o Santo Grial e, depois de submetê-lo a rigorosas provas, fez-lhe entrega de tão preciosa jóia.

O Grande *Kabir* Jesus bebeu nesse cálice na cerimônia sagrada da Última Ceia, tal como está escrito nos quatro Evangelhos. José de Arimatéia encheu o cálice com o sangue que emanava das feridas do Adorável no Monte das Caveiras.

Quando a polícia romana invadiu a morada do citado senador não achou esta preciosa jóia. O senador romano não só escondeu a tão preciosa jóia, como também, ademais, junto com ela, guardou sob a terra a lança de Longibus com a qual o centurião romano ferira o costado do Senhor.

José de Arimatéia foi encerrado numa horrível prisão, porque não quis entregar o Santo Grial. Quando o referido senador saiu do cárcere, dirigiu-se para Roma, portando o Santo Grial.

Ao chegar a Roma, José de Arimatéia encontrou Nero em perseguição aos cristãos e foi-se pelas margens do Mediterrâneo. Uma noite, em sonho, apareceu-lhe um anjo e lhe disse: "Este cálice tem um grande poder, porque nele se encontra o sangue do Redentor do Mundo." José de Arimatéia, obedecendo às ordens do anjo, enterrou o cálice num templo localizado em Montserrat, na Catalunha, Espanha.

Com o tempo, tal cálice fez-se invisível, junto com o templo e parte da montanha. O Santo Grial é o vaso de Hermes, a taça de Salomão, a urna preciosa de todos os templos de mistérios. Na Arca da Aliança não faltava nunca o Santo Grial, na forma de taça ou gomor, dentro da qual se encontrava depositado o maná do deserto.

O Santo Grial alegoriza, em forma enfática, o Yoni feminino; dentro desta santa taça está o néctar da imortalidade, o "soma" dos místicos, a suprema bebida dos Deuses Santos.

O Cristo Vermelho bebe do Santo Grial na hora suprema da crucificação; assim está escrito no Evangelho do Senhor.

Nunca falta o Santo Grial, no altar do Templo. Obviamente, o sacerdote deve beber o vinho da luz na taça santa. Seria absurdo supor um Templo de Mistérios no qual faltasse a bendita taça de todas as idades.

Isto vem a recordar-nos Ginebra, a Rainha dos *Jinas*, aquela que a Lancelot servia o vinho nas taças deliciosas de *Sukra* e de *Manti*. Os Deuses Imortais alimentam-se com a bebida contida na taça santa. Aqueles que odeiam a bendita taça blasfemam contra o Espírito Santo.

O Super-Homem deve alimentar-se com o néctar da imortalidade contido no cálice divinal do templo. Transmutação da energia criadora é fundamental quando se quer beber no vaso santo.

O Cristo Vermelho, sempre revolucionário, sempre rebelde, sempre heróico, sempre triunfante, brinda pelos Deuses, bebendo no cálice de ouro.

Levantai bem vossa taça e cuidai de não verter nem sequer uma gota do precioso vinho. Recordai que nosso lema-divisa é "Thelema" (vontade).

Do fundo do cálice, simbólica figura do órgão sexual feminino, brotam chamas que resplandecem no rosto incendiado do Super-Homem. Os Deuses inefáveis de todas as galáxias bebem sempre da bebida da imortalidade no cálice eterno.

O frio lunar produz involuções no tempo. É necessário beber do vinho sagrado da luz no vaso santo da alquimia.

A púrpura dos reis sagrados, a coroa real e o ouro flamígero só são para o Cristo Vermelho. O Senhor do Raio e do Trovão empunha, em sua destra, o Santo Grial e bebe o vinho de ouro para alimentar-se. Aqueles que derramam o "Vaso de Hermes", durante a cópula química, de fato se convertem em criaturas infra-humanas do submundo.

Tudo o que aqui escrevemos encontra plena documentação em meu livro intitulado "O Matrimônio Perfeito".

SUMÁRIO

PRIMEIRO LIVRO

A GRANDE REBELIÃO

PRÓLOGO.....	07
CAPÍTULO I –A VIDA.....	09
CAPÍTULO II – A CRUA REALIDADE DOS FATOS.....	11
CAPÍTULO III - A FELICIDADE	15
CAPÍTULO IV - A LIBERDADE.....	19
CAPÍTULO V - A LEI DO PÊNDULO.....	23
CAPÍTULO VI - CONCEITO E REALIDADE.....	27
CAPÍTULO VII - A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA.....	29
CAPÍTULO VIII - O JARGÃO CIENTIFICISTA.....	33
CAPÍTULO IX - O ANTICRISTO.....	37
CAPÍTULO X - O EU PSICOLÓGICO.....	39
CAPÍTULO XI - AS TREVAS.....	41
CAPÍTULO XII - AS TRÊS MENTES.....	43
CAPÍTULO XIII - A MEMÓRIA-TRABALHO.....	47
CAPÍTULO XIV - COMPREENSÃO CRIADORA.....	51
CAPÍTULO XV - A KUNDALINI.....	55
CAPÍTULO XVI - NORMAS INTELECTUAIS.....	57
CAPÍTULO XVII - O BISTURI DA CONSCIÊNCIA.....	59
CAPÍTULO XVIII - O PAÍS PSICOLÓGICO.....	61
CAPÍTULO XIX - AS DROGAS.....	65
CAPÍTULO XX – INQUIETUDES.....	67
CAPÍTULO XXI – MEDITAÇÃO.....	71
CAPÍTULO XXII - RETORNO E RECORRÊNCIA.....	73
CAPÍTULO XXIII - O CRISTO ÍNTIMO.....	77
CAPÍTULO XXIV – O TRABALHO CRÍSTICO.....	79
CAPÍTULO XXV - O DIFÍCIL CAMINHO.....	83
CAPÍTULO XXVI - OS TRÊS TRAIADORES.....	85
CAPÍTULO XXVII - OS EUS-CAUSAS.....	87
CAPÍTULO XXVIII - O SUPER-HOMEM.....	89
CAPÍTULO XXIX - O SANTO GRIAL.....	93